

Faltam 23 dias...

## Nota da Comissão Política

O PCP denuncia eleitoralismo do PSD. O gasóleo não baixa, a floresta arde, o pacote laboral cresceu, os escândalos continuam. É uma autêntica «democracia de sucesso»!

## TV privada

Um concurso  
sem ponderação  
nem rigor

Pág. 5

## O turismo no Algarve

• **Carlos Luís  
Figueira**

Pág. 12

## De Hiroshima a Bagdad



• **José Casanova**

Pág. 13

## Os grandes amigos do povo curdo

• **Manoel  
de Lencastre**

Pág. 13

# Estabilidade - uma carta viciada



Os incêndios continuam a destruir milhares de hectares de floresta, enquanto os bombeiros se defrontam com cada vez mais dificuldades

## RESUMO

### 7 Quarta-feira

A CGTP-IN acusa o Governo de, ao aprovar o pacote laboral no último Conselho de Ministros, ter feito passar de forma despercebida 4 diplomas que não constavam da autorização legislativa. Os dirigentes demitidos da União de Bancos Portugueses afirmam em conferência de imprensa que a estratégia de actuação na privatização da Bonança foi concertada com o Governo e que foram intimidados a manter o silêncio. Entra em vigor o cessar-fogo na Croácia. O primeiro-ministro da Turquia confirma a realização de uma operação militar contra curdos turcos no Norte do Iraque. Os ciclistas da Volta a Portugal rodam durante as primeiras quatro horas da etapa de hoje a menos de 30 km/h, protestando contra a extensão e dureza das últimas etapas e contra afirmações do director da corrida.

### 8 Quinta-feira

A Alta Autoridade para a Comunicação Social aprova o parecer sobre a atribuição de canais privados de televisão, com a abstenção de José Garibaldi e os votos contra de António Reis e Lídia Jorge. O PPM afirma esperar eleger, no mínimo, dois deputados, ou, no máximo, seis, nas legislativas. Produtores de tomate do Ribatejo decidem boicotar a entrega do produto às fábricas do sector. Nos estaleiros da Margueira da Lisnave ocorre uma explosão num navio-tanque em reparação, matando e ferindo vários operários. O Conselho de Ministros aprova a descida de 30 escudos/litro do preço do gasóleo para a agricultura. A Jihad Islâmica liberta um refém britânico detido há cinco anos e envia uma mensagem a Perez de Cuellar propondo uma solução global para o problema dos reféns ocidentais. É assassinado o último primeiro-ministro do xá do Irão, Shapour Bakhtiar, refugiado em França desde 1979.

### 9 Sexta-feira

Em conferência de imprensa, a Coordenadora da CDU apresenta os candidatos da coligação por todos os círculos eleitorais. O Comité dos 24 da ONU ouve deputados portugueses, representantes da Fretilin e da UDT, o embaixador de Cabo Verde, parlamentares japoneses e ca-

nadianos e membros da Amnistia Internacional acerca da situação em Timor-Leste. Com 82 anos, morre em Lisboa Vasco da Gama Fernandes. Os trabalhadores da RN decidem fazer nova greve a 16 e 19 deste mês. Produtores em aquacultura do Algarve oferecem moluscos bivalves junto ao Governo Civil de Faro, comemorando o levantamento da proibição da apanha deste marisco. O CC da Frente de Libertação Nacional argelina elege um novo Comité Executivo. Milhares de refugiados albaneses, rebelam-se no estádio italiano de Bari. É raptado no Líbano um médico francês.

### 10 Sábado

Várias aldeias de Pampilhosa da Serra são evacuadas devido a incêndios que as ameaçaram. Os católicos deviam adiar também para depois das eleições o seu voto no PSD, defende Freitas do Amaral, comentando a decisão do Governo de só resolver a questão da atribuição dos canais privados de TV depois de 6 de Outubro. Recontros na África do Sul entre neo-fascistas brancos e polícias fazem dois mortos e 56 feridos. Após três dias de negociações, responsáveis chineses e vietnamitas divulgam em Pequim um comunicado comum afirmando a necessidade de normalização das relações entre os dois países.

### 11 Domingo

Carlos Carvalhas participa em iniciativas em Brescos e Vila Nova de Milfontes. Termina a conferência da MK Lança da Nação, ala militar do ANC sul-africano. No Líbano são libertados o médico francês raptado anteontem e outro refém americano. Agravam-se o clima de violência em Madagáscar, com 12 mortos e mais de 200 feridos nos confrontos entre manifestantes e forças de segurança.

### 12 Segunda-feira

Incêndio que ameaça comboios no Algarve. Ponte do Guadiana é sujeita a ensaio de carga. Tem início o VI Congresso da Frelimo. Os presidentes da Sérvia, do Montenegro e da Bósnia-Herzegovina pronunciam-se pela unidade da Jugoslávia. Morre em Lisboa o artista Tossan.

Nos períodos eleitorais mais quentes, em particular como o que antecede as eleições legislativas do próximo 6 de Outubro, evidencia-se com toda a sua carga mistificadora o tartufo político da direita governante.

Falsear a verdadeira natureza da sua política de classe; dourar as chagas mais indiferecíveis das injustiças e desigualdades sociais implícitas no projecto restauracionista do poder dos monopólios; transfigurar em êxitos «sem igual em qualquer país do mundo» elevados índices de correspondência irrelevante em termos absolutos; distribuir pela mole imensa dos deserdados da fortuna algumas migalhas eleitoralistas do seu «saco azul» - eis algumas das jogadas mais conhecidas a que há muito nos habituou o governo PSD/Cavaco.

No arsenal da demagogia cavaquista uma palavra - «estabilidade» - tem sido uma das cartas mais frequentemente saídas do baralho eleitoralista do cavaquismo.

De modo manifesto, é uma estabilidade visionada exclusivamente do ângulo da continuidade governativa de um órgão executivo de quatro anos de legislatura e de um legislativo dominado por uma maioria parlamentar absoluta domesticada e de cariz ditatorial erigidos em figuras máximas da estabilidade política.

É, comprovadamente, uma estabilidade precária, servida por um crescimento económico e financeiro - principalmente financeiro - criado na base de volumosas injeções de dinheiros de uma conjuntura externa até há pouco excepcionalmente favorável a Portugal que não se traduziu, como a leitura objectiva da realidade portuguesa o demonstra, no necessário e possível desenvolvimento da economia do País.

É precisamente nos momentos críticos de uma conjuntura externa agora incerta que se revela a crua verdade da política desestabilizadora do cavaquismo governante e a natureza precária da «estabilidade» apregoada pelos arautos da direita.

É a vida que vai pondo a nu a verdadeira essência da estabilidade cavaquista.

No plano sócio, económico e institucional é a instabilidade o que prevalece em sectores-chaves da situação do País.

Demonstra-o a situação real dos trabalhadores do Vale do Ave, onde o próprio ministro da Indústria admite a inviabilidade económica de dezenas de empresas e o seu encerramento.

Demonstra-o a situação dos trabalhadores da Tabopan, actualmente em greve de que dependem cerca de

350 famílias, e que exigem no momento actual o pagamento dos seus salários em atraso há 5 meses; a dos 840 trabalhadores da SEAGATE, da fábrica em Palmela, que receberam já ordens de despedimento.

Também o caso dos quatro diplomas do pacote laboral promulgados sem que o governo tivesse para isso autorização legislativa ilustra o desrespeito da clique governamental pelas leis do País.

No sector da agricultura avolumam-se os factores de descontentamento contra a política do governo. Os 250 produtores de tomate do Ribatejo não se conformam com as hipóteses quase certas de perderem cerca de metade das 100 000 toneladas da produção deste ano devido às condições de comercialização com as fábricas de concentrado e o preço de 14 escudos/quilo estabelecidos pelo governo, isto é, um preço inferior em 2 escudos à tabela decidida pela CEE.

Por outro lado o governo decidiu, agora sob pressão da luta dos agricultores, baixar 30 escudos no litro do gasóleo para a agricultura, mas nenhuma medida tomou para pagar os subsídios em atraso o que na prática reduz o valor do subsídio agora atribuído.

Também o caso dos produtores de banana da Madeira assume foros de escândalo. Aos produtores madeirenses é na prática vedada a exportação para o Continente, e é aberta a porta à importação maciça de bananas da América Latina, de que 75% é fornecida por uma grande empresa multinacional. Só no dia 5 último entraram no país 3650 toneladas oriundas daquela zona do mundo enquanto entraves inadmissíveis são postos às importações da Madeira.

Propositadamente deixámos para o fim dois exemplos dos mais gritantes da política desestabilizadora de facto do governo cavaquista - o dos incêndios e do acidente da Lisnave que ceifou a vida a quatro trabalhadores.

É evidente que a causa fundamental dos incêndios que estão devastando o nosso património florestal tem origem nas anormais temperaturas da época. Embora uma parte considerável dos incêndios seja de origem criminosa - que todavia não tem sido objecto de uma severa política repressiva sobre os seus autores e instigadores - ninguém acusa o governo de incendiar as florestas...

Mas o governo é réu da sua incúria na prevenção dos incêndios, no atraso da elaboração de um plano cabal de combate, da falta de uma rede eficiente de prevenção e ataque a este flagelo da natureza e de alguns criminosos sem escrúpulos, suficientemente dotada dos meios técnicos mais aperfeiçoados para a sua missão.

Neste Verão mais de 80 000 hec-

tares de floresta foram já consumidos pelos fogos (mais 40 por cento que em 1990)!

Dizer, como disse o ministro da Defesa em Coimbra, que não é ao governo mas aos bombeiros que compete apagar os fogos é, no mínimo uma mostra de irresponsabilidade inadmissível e indigna de um governante.

O drama da Lisnave (ninguém diz que foi o governo que provocou a explosão do navio norueguês) vem igualmente acentuar o desprezo governamental pela segurança, pela prevenção dos acidentes no trabalho, principalmente em actividades profissionais de alto risco. Em Setembro de 1990 três outros operários da Lisnave sucumbiram noutra acidente no petroleiro «Narana», agora a pouco menos de um ano, mais os quatro do «Mega Bay».

Como desligar estas ocorrências e as que diariamente se verificam em massa noutras actividades (construção civil e outras) da desumana intensificação dos ritmos de trabalho, da incúria da fiscalização do Ministério do Emprego, da ausência de uma verdadeira política de segurança no trabalho? Apenas num ano 305 000 acidentes de trabalho (1200 por dia!) com uma elevada mortalidade. Como é possível despenalizar disto o governo? Porque não abre o governo de Cavaco os cordões do «saco azul» para ocorrer às exigências financeiras destas acções cautelares?

Não é verdade que os mais de 1225 milhões de contos acumulados pelo «saquinho» do governo (700 milhões até Março de 1991 da CEE; mais de 194 milhões dos diferenciais das cotações do petróleo e do dólar e dos preços dos cereais; mais de 327 milhões de contos arrecadados pelo processo de privatizações de 11 empresas do Estado (8 das quais ainda em termos parciais incluindo a escandalosa forma de privatização da Bonança) constitui um pecúlio que deve ser posto ao serviço do povo e do País e não dos interesses eleitoralistas do governo PSD/Cavaco Silva.

O documento de segunda-feira da Comissão Política do CC do PCP é elucidativo do eleitoralismo que domina às vezes até ao ridículo a actividade do governo (o ministro da Defesa de um governo que está há mais de ano e meio em campanha eleitoral tem a desfaçatez de dizer que ao PSD bastam-lhe apenas 21 dias de campanha!)

A intenção da abstenção de voto em certos círculos dos agricultores é indicativo do desencanto numa larga área de influência social do PSD. Mas não basta: é preciso votar contra o PSD e o seu governo; é preciso dar o voto à força mais consequente da oposição democrática - a CDU - que unicamente se guia pela defesa intransigente dos interesses do povo e do País e se propõe lutar com decisão por eles se os cidadãos concederem à CDU as suas opções de voto.

Avante!

Proletários de todos os países UNI-VOS!

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português, Rua Soeiro Pereira Gomes - 1699 - Lisboa CODEX. Tel. 793 62 72

DIRECÇÃO E REDACÇÃO: Rua Soeiro Pereira Gomes - 1699 Lisboa CODEX. Tel. 76 97 25/76 97 22. Telex 18390 Fax: 795 22 64

ADMINISTRAÇÃO: Editorial «Avante!», SA - Rua de São Bernardo, 14, 2º, 1200 Lisboa. Capital social: 15 000 000\$00. CHC matriculada: 47059. NIF - 500 090 440

DISTRIBUIÇÃO: DISTRIBUIÇÃO ADE's Editorial «Avante!» - R. S. Bernardo, 14 1200 Lisboa - Telef. (01) 67 01 93/7

Alterações de remessa: Até às 17 horas de cada sexta-feira: Fax: 3968793; Telex: 65791; Telef. (01) 67 01 93/7

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL INTERPRESS - Sociedade Distribuidora de Jornais e Revistas, Lda, Sector de Distribuição

Sede: Rua do Norte, 115, 1º, 1200 Lisboa. Telef. (01) 342 07 84/342 23 49/342 22 04

Delegação Centro: Praceta Dr. Alberto Oliveira, 4, 3000 Coimbra - Telef. (039) 71 35 77

Delegação Norte: R. Monte dos Pípos, 326, Guilfões, 4450 Matosinhos. Telef. (02) 953 15 66/953 17 49/953 17 50

ASSINATURAS: R. de S. Bernardo, 14 1200 Lisboa - Telef. (01) 67 01 93/7

PUBLICIDADE: Rua de S. Bernardo, 14, 1200 Lisboa - Telef. (01) 67 01 93/7

Composto e impresso na Heskia Portuguesa R. Elias Garcia, 27 Venda Nova - 2700 Amadora Depósito legal nº 205/85

#### TABELA DE ASSINATURAS

PORTUGAL (CONTINENTE) - 50 números: 4.500\$00; 25 números: 2.325\$00

REGIÕES AUTÓNOMAS - 50 números: 7.707\$50

ESPAÑA - 50 números: 7.090\$00

MACAU - 50 números: 11.140\$00

GUINÉ-BISSAU E S. TOMÉ E PRÍNCIPE - 50 números: 12.190\$00

EUROPA (e ARGÉLIA, MARROCOS, TUNÍSIA E TODO O TERRITÓRIO DA URSS) - 50 números: 13.350\$00

EXTRA-EUROPA - 50 números: 16.450\$00

Nome \_\_\_\_\_

Morada \_\_\_\_\_ Telef. \_\_\_\_\_

Código Postal \_\_\_\_\_

Enviar para Editorial «Avante!» acompanhado do cheque ou vale do correio.

# CDU em conferência de imprensa

## Uma forte dinâmica, optimismo e confiança!



A Comissão Coordenadora da Coligação Democrática Unitária (CDU), após ter apreciado alguns aspectos da situação política nacional e procedido ao balanço da composição das listas de candidatos para todos os círculos eleitorais, realizou uma conferência de imprensa, na passada sexta-feira, no CT da Soeiro Pereira Gomes. José Casanova, da Comissão Política do CC do PCP, que se encontrava na mesa acompanhado de Blasco Hugo Fernandes, da «Intervenção Democrática», de Manuela Cunha, dos «Verdes», e de José Morais, da Juventude Comunista Portuguesa, informou os jornalistas de que a Comissão Coordenadora avaliou ainda a actividade pré-eleitoral e as perspectivas de desenvolvimento da campanha CDU nas próximas semanas.

Publicamos a seguir o texto da nota lida à imprensa por José Casanova e também alguns dados revelados na altura sobre a composição das listas CDU. Os subtítulos são da responsabilidade da redacção do «Avante!».

### Uma forte dinâmica

Os dados sobre a composição das listas são elucidativos da qualidade e da capacidade incorporadas nas listas da CDU, bem como da sua amplitude unitária. Destacamos alguns desses dados: cerca de 43% dos candidatos têm idades inferiores a 40 anos; 56% são intelectuais e quadros técnicos; 80 e 110 dos 328 candidatos são, respectivamente, dirigentes sindicais e eleitos autárquicos. Sulinhámos que entre os candidatos se contam dirigentes de múltiplas estruturas do movimento associativo, nomeadamente de associações de agricultores, de reformados, de deficientes, de jovens, de mulheres, de comerciantes e industriais. Vários candidatos são dirigentes ou membros de estruturas e instituições culturais e científicas. Realça-se ainda o facto de 10% dos candidatos serem independentes não pertencendo a nenhuma das forças que integram ou apoiam a CDU.

A actividade pré-eleitoral da CDU revela uma forte dinâmica que transparece no número e no conteúdo das iniciativas levadas a cabo. A grande participação de activistas na pré-campanha e o elevado número de cidadãos que tem vindo a manifestar o seu apoio à CDU são outros elementos que expressam de forma eloquente as grandes possibilidades e potencialidades da CDU.

Tudo isto, juntamente com a considerável receptividade e simpatia dos trabalhadores e das populações às

propostas da CDU, confirma e fortalece o optimismo e a grande confiança com que encaramos as eleições de 6 de Outubro.

Até final do mês de Agosto estão programadas por todo o país numerosas iniciativas das quais realçamos a apresentação, no próximo dia 12, dos temas musicais a utilizar na campanha eleitoral da CDU, constituídos por um conjunto de peças musicais de elevada qualidade e significado cultural.

### Caça ao voto e intoxicação

A Comissão Coordenadora da CDU chama a atenção para a prática do Governo do PSD que passou a subordinar toda a sua actividade ao objectivo da caça ao voto. A par da intensa demagogia eleitoralista continuam, entretanto, a agravar-se os grandes problemas nacionais e as condições de vida e de trabalho



A Comissão Coordenadora da CDU em conferência de imprensa: optimismo e confiança

objectivos das lutas dos agricultores, dos trabalhadores dos transportes e da administração local, de todos os que se batem em defesa dos seus direitos e aspirações.

A CDU chama a atenção da opinião pública para as

tantas regras estabelecidas na Lei 31/91 de 20 de Julho sobre publicação e difusão de sondagens não estão a ser respeitadas pelo que se justifica plenamente uma intervenção moralizadora da Alta Autoridade para a Comunicação Social, no âmbito da competência que a referida Lei lhe atribuiu.

A CDU sublinha que as sondagens que têm vindo a ser publicadas reclamam grande reserva ou prudência na análise, tendo em conta que o recurso a inquiridos e a painéis, quer o facto de abstencionistas, indecisos e não respondentes chegarem a ascender a 40% dos inquiridos, quer ainda pelos insondáveis mistérios que rodeiam a chamada extrapolação das opções dos indecisos.

A CDU observa ainda que as margens de erro ou intervalos de confiança das sondagens, não podem ser apenas minúsculas notas de rodapé, mas um factor que deve obrigatoriamente pesar nos títulos e sínteses jornalísticas sobre resultados de sondagens.

Mas sem prejuízo destas reservas, a CDU deseja sobretudo salientar é que uma consideração objectiva e rigorosa dos resultados da maioria das sondagens publicadas conduz com plena legitimidade a conclusões precisamente contrárias às que geralmente têm vindo a ser difundidas.

Com efeito, o que os dados divulgados mostram é que, por comparação com os resultados de 1987, o PSD perde uma fatia considerável de votos e provavelmente perderá a maioria absoluta; que os partidos que criticam e se opõem ao PSD e ao seu Governo já teriam a maioria dos votos; que PS e CDU registam um crescimento que perspectiva a plena possibilidade de, em conjunto, alcançarem a maioria parlamentar; que, tendo em conta que a CDU tradicionalmente aparece desfavorecida nas sondagens, se perfila um seu si-

gnificativo reforço de influência eleitoral.

A CDU destaca ainda que muitos comentários dando como certa a vitória do PSD assentam no pressuposto errado e viciado — em muitos casos não inocente — de supor que uma vitória democrática estaria dependente de o PS ficar à frente do PSD, quando a verdade, e como mostram as próprias sondagens, é que essa vitória sobre o PSD só pode ser alcançada pelo resultado conjunto da CDU e do PS.

A CDU volta a esclarecer que em muitos casos a atribuição ao PS do papel de única alternativa é feito exactamente para, de imediato, se poder concluir que o PSD teria a vitória assegurada.

### O mal que devora o PSD

O secretário-geral do PSD cometeu esta semana mais uma conferência de imprensa da qual emergiram dois objectivos essenciais:

1 - criticar a oposição por estar sempre a fazer conferências de imprensa;

2 - criticar a oposição por estar sempre a criticar o Governo.

Aproveitando a oportunidade, o secretário-geral do PSD manifestou a sua perplexidade perante o insondável mistério que é, cá em Portugal, a oposição não estar satisfeita com a política do Governo PSD e, lá fora, os estrangeiros estarem satisfeitos.

A CDU pensa estar em condições de desvendar ao secretário-geral do PSD o dilacerante mistério: julgamos que, se há estrangeiros que dizem de Portugal tantas maravilhas, a explicação há-de estar no facto simples de esses estrangeiros não viverem em Portugal; e que, se a oposição diz o que diz sobre o que cá se passa, isso há-de ter a ver com o facto, também simples, de a oposição viver em Portugal.

A CDU propõe ao secretário-geral do PSD uma experiência susceptível de clarificar a situação: convide os estrangeiros em questão a virem para Portugal, a entrarem no mercado de trabalho nacional, a receberem os salários nacionais (se conseguirem arranjar emprego), a com esses salários comprarem ou alugarem casa, educarem os filhos, assegurarem assistência médica, comprarem carro e mais todas aquelas mil e mais pequenas e grandes coisas de que é feita a qualidade de vida. A experiência duraria até 6 de Outubro, altura em que se faria o balanço das opiniões dos referidos estrangeiros se entretanto ainda cá permanecesse algum.

O secretário-geral do PSD acusou a oposição de sofrer de miopia e, por isso, não ver o mar de rosas para o qual Cavaco Silva, salvador da pátria, atirou a maioria da população portuguesa. Não vamos devolver a oftalmológica acusação ao secretário-geral do PSD porque se nos afigura que é outro o mal que o devora e ao seu partido e ao seu Governo: para além do incurável provincianismo com que se ridicularizam todos os dias, instalou-se-lhes em definitivo no sangue o vírus da prepotência e do autoritarismo pelo que, mal ouvem uma opinião divergente das suas, puxam logo da televisão e disparam rajadas de verdades absolutas e de falsidades, como ainda ontem verificámos a propósito dos placards com que o PSD ocupou a cidade de Lisboa.

Finalmente, a Comissão Coordenadora apela a todos os activistas e apoiantes da CDU no sentido de contribuírem para que a campanha eleitoral que se aproxima seja um momento de forte intervenção política e cívica, uma dinâmica, alegre e confiante campanha dirigida à inteligência e à sensibilidade dos cidadãos.

## Alguns dados sobre a composição das listas da CDU

(Referentes ao total de candidatas: 328 [230 efectivos e 98 suplentes])

Homens	270	82,3%
Mulheres	58	17,7%
- 25 anos	12	3,7%
25-30 anos	24	7,3%
30-40 anos	104	31,8%
40-50 anos	122	37,1%
+ 50 anos	66	20,1%
Operários	59	18,0%
Empregados	47	14,3%
Intelectuais e profissões liberais	185	56,4%
<i>(dos quais: 56 professores; 42 arquitectos e engenheiros; 38 quadros técnicos, artistas, jornalistas, escritores; 24 médicos; 18 advogados e juristas; 7 economistas)</i>		
Vários	37	11,3%
<i>(agricultores, reformados, estudantes, comerciantes)</i>		
Membros do PCP	246	75,1%
Membros de Os Verdes	20	6,1%
Membros da ID	16	4,9%
Membros da UDP	13	3,9%
Independentes	33	10,0%

- 80 candidatos são dirigentes sindicais
- 110 candidatos são eleitos em órgãos autárquicos (CM, AM, AF)

ho de largos sectores da população portuguesa.

A CDU alerta de uma forma particular para os efeitos devastadores dos fogos que continuam a destruir a floresta nacional em consequência da passividade irresponsável do Governo de Cavaco Silva

A CDU manifesta o seu apoio e solidariedade aos

persistentes operações de intoxicação dos cidadãos e as tentativas de desmoralização do campo democrático que, com pretexto em resultados de sondagens, procuram fazer crer que o PSD teria praticamente assegurada uma renovação da maioria absoluta.

A CDU salienta ser paciente que numerosas e impor-

## «O acidente na Lisnave»

Os acidentes de trabalho aumentaram entre 1986 e 1990 de 239 mil para 305 mil, recordou Carlos Carvalhas, durante um convívio realizado no domingo em Brescos, concelho de Grândola, a propósito do acidente ocorrido recentemente na Lisnave

No decorrer da Festa realizada em Brescos, que foi visitada por mais de mil pessoas, Carlos Carvalhas manifestou a solidariedade do PCP com os trabalhadores da Lisnave e em particular com as famílias dos operários falecidos ou sinistrados no recente acidente, que na opinião dos comunistas resulta das «deficientes condições laborais e da precarização do trabalho». Recorde-se que o acontecido mereceu do secretariado da comissão concelhia de Almada do PCP uma nota onde o qualificava como «corolário de uma série de acidentes dos quais já resultaram várias vítimas mortais», exigindo da Administração da empresa a tomada de medidas adequadas com vista a evitar a repetição de tais funestas situações.

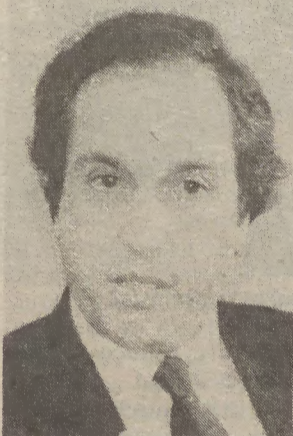
Na intervenção de Carlos Carvalhas, foi salientada a justeza de um projecto de lei do PCP que, caso obtivesse o apoio da maioria laranja, diminuiria os riscos de acidente.

Carlos Carvalhas, afirmando a solidariedade do PCP para com os trabalhadores da Lisnave e em particular com as famílias dos operários falecidos ou sinistrados, disse «ser justo sublinhar que este trágico acidente mais salienta a espantosa gravidade dos problemas que atingem o mundo do trabalho e o agravamento da insegurança no trabalho bem patente na ocorrência de mais de 300 mil acidentes por ano.

Infelizmente, continuou, «esta é uma dramática realidade que tem de estar presente e ser recordada de cada vez que o Governo, com inexcusável hipocrisia, se pretende apresentar como um grande benemérito dos trabalhadores portugueses e

como um generoso zelador das suas condições de vida e de trabalho».

Consciente da gravidade deste problema, o PCP apresentou na Assembleia da República um Projecto de Lei-Quadro sobre Higiene e Segurança no Trabalho que é muito mais concreto e avançado do que as propostas que



No convívio em Brescos, Carlos Carvalhas manifestou a solidariedade do PCP com as famílias dos trabalhadores sinistrados da Lisnave

o Governo tem anunciado nesta matéria, disse Carvalhas que lembrou que, «como a imprensa já referiu, há um ano ocorreu também na Lisnave outro acidente deste tipo mas que estranhamente até hoje não foram divulgados os resultados do inquérito que então foi anunciado».

O dirigente comunista referiu-se ainda aos incêndios e a incúria governamental, constatando que «constitui matéria da maior angústia e preocupação a autêntica calamidade nacional que este ano estão novamente a ser os incêndios florestais. Trata-se de mais um daqueles graves problemas que põe em evidência que o Governo do PSD gasta tempo e energias em artifícios de propaganda mas

é incapaz, ano após ano, de enfrentar com eficácia qualquer sério problema nacional.

Uma vez que o prof. Cavaco Silva e os seus companheiros do Governo e do PSD passam a vida a bombardear-nos com estatísticas de comparação com anos anteriores - na maior parte dos casos falsas ou distorcidas - sobre os alegados «sucessos» do Governo, é boa ocasião para lembrar que a floresta ardida em 1989 foi três vezes mais do que em 1988, que em 1990 ardeu mais floresta que em 1989, e que este ano, só até 14 de Junho já tinham ardido mais 10 mil hectares do que em igual período de 1990».

E é igualmente oportuno lembrar, segundo Carlos Carvalhas, que «exactamente há um ano manchetes de jornais e noticiários de televisão publicitaram largamente um pacote de medidas do Conselho de Ministros que eram apresentadas propagandisticamente como de grande importância e eficácia, chegando a ser prometidos 20 milhões de contos para a preservação da floresta, mas hoje o país está confrontado com a evidência de que tudo isso, no essencial, não passava de fogo de vista incapaz de prevenir e combater eficazmente os fogos dramaticamente reais que estão delapidando o património nacional.

Por outro lado, foi denunciado que «a maioria parlamentar do PSD, entrincheirada na sua arrogância e sectarismo, e prisioneira da sua orientação de não fazer nem deixar fazer, impediu a aprovação pela Assembleia da República de um vasto e qualificado conjunto de projectos de lei apresentados pelo PCP que davam uma grande contribuição para a defesa da

floresta e a prevenção dos incêndios florestais.

Considerando as principais áreas e sectores da vida nacional, ponderando a situação e problemas de importantes camadas e grupos sociais, aquele dirigente salientou que «para onde quer que nos voltemos encontramos agressões e ofensas praticadas pela política do Governo, fortíssimas expressões de insatisfação e descontentamento, numerosas movimentações e lutas.

Os cortesãos do «poder laranja» andam atarefados a tentar inpingir a ideia de que o PSD praticamente já teria ganho as eleições e de que o Prof. Cavaco Silva é, ele mesmo, uma espécie de Panteão Nacional de qualidades e virtudes. Esfalfam-se a procurar que na consciência nacional o mundo da propaganda esmaque e silencie o mundo dos problemas e da vida real.

A grande esperança do PSD e do seu Governo está na tentativa de separar descontentamento social e opções eleitorais.

A verdade porém é que, sem prejuízo das reivindicações e lutas em curso, as eleições representam para vastas camadas sociais uma oportunidade única para ajustarem contas com o desprezo, a insensibilidade e a intransigência governamentais e para deslocções de voto que retirem a maioria ao PSD, para favorecer a adopção de uma nova política que responda às aspirações que o Governo de Cavaco Silva tem espezinhado.

Desperdiçar essa oportunidade seria dar ao PSD argumentos para, passadas as eleições, agravar consideravelmente a sua nefasta política dos últimos anos».

## Flagelo dos incêndios ameaça populações

O flagelo dos incêndios que este ano, até fins de Julho, destruiu já tantos hectares como durante todo o ano de 1990, foi motivo de uma conferência de imprensa promovida pelos candidatos CDU no distrito de Castelo Branco, realizada no passado dia 3 de Agosto, no Fundão. No documento, apresentado pelo cabeça de lista Luís Garra, refere-se que, nos últimos dois anos, registaram-se mil e quarenta e quatro incêndios e arderam mais de 30 mil hectares da nossa floresta, ou seja mais aproximadamente onze por cento da área florestal do distrito. Como consequências os candidatos da CDU apontam a acelerada erosão da serra da Estrela, salientando-se que apenas durante um mês de Verão, só nos concelhos do Fundão, Covilhã, Castelo Branco, Prouença-a-Nova e Belmonte arderam cerca de 11 mil hectares de floresta, o que corresponde à área ardida durante todo o ano passado.

Por outro lado, o flagelo está a causar profundas inquietações nos habitantes e coloca a necessidade de uma política de prevenção séria e eficaz que defenda a floresta e as suas populações da cíclica calamidade dos fogos.

Neste sentido, os candidatos CDU imputam ao Governo particulares responsabilidades pela ausência de uma política florestal, de ordenamento e de ambiente, que a existirem limitariam drasti-

camente o número, a dimensão e os efeitos dos fogos.

Na conferência de imprensa, foi denunciado que apesar da propaganda governamental, que diz ter reforçado alguns meios de combate aos fogos, o facto é que «aqueles que no terreno vivem diariamente o drama dos incêndios queixam-se da escassez de meios e da falta de apoio material e até moral».

A Coligação Democrática Unitária tem apresentado propostas que a serem aprovadas contribuiriam para a diminuição do flagelo.

Entre estas, mereceram especial destaque as propostas do PCP apresentadas durante a discussão do OE para 1991.

A CDU exigiu entre outras medidas uma política de ordenamento do espaço com diversificação das espécies e o ordenamento das explorações florestais; a rápida reflorestação das áreas ardidas; a construção de vias de acesso ao interior das matas e florestas; a sensibilização e a mobilização das populações através dos meios de comunicação social e com acções de educação a partir das escolas.

A CDU manifestou ainda a sua mais activa e sincera solidariedade com as populações atingidas e o elevado e abnegado esforço dos bombeiros, GNR, Serviços Florestais no combate à vaga de incêndios que devastam o rico património florestal do distrito.

## Faleceu Vasco da Gama Fernandes

Faleceu na passada sexta-feira Vasco da Gama Fernandes. Tinha 82 anos, era natural de São Vicente (Cabo Verde), licenciado em Direito. Desde muito novo participou em acções antifascistas, o que lhe custou várias prisões (a primeira, aos 18 anos) e o exílio em Espanha em 1931. Foi vice-presidente da Assembleia Constituinte e o primeiro Presidente da Assembleia da República, de 1976 a 1978.

O Secretariado do CC do PCP enviou à família de Vasco da Gama Fernandes um telegrama afirmando: «Em nome do Partido Comunista Português transmitimo-vos sentidas condolências pelo falecimento de Vasco da Gama Fernandes, destacada personalidade antifascista e cidadão de firmes convicções democráticas, com quem compartilhamos, antes e depois do 25 de Abril, importantes momentos da luta pela liberdade e pela democracia».

### CAMARADAS FALECIDOS

#### ANTÓNIO CARREIRA

Faleceu recentemente aos 57 anos António Maria Carreira, militante do Partido de longa data. Reformado, António Carreira residia no Barreiro, onde fez parte do secretariado de célula do Bairro-4 desta cidade.

Aos familiares e amigos o colectivo do «Avante!» manifesta sentidas condolências.

## Candidatos do Porto assumem compromisso público

«Bater-nos-emos por uma melhor Segurança Social, lutaremos contra a discriminação das mulheres no trabalho e pela defesa dos direitos das mães-trabalhadoras», comprometeram-se os candidatos que, para a juventude, se dispuseram a lutar por emprego estável, formação e realização profissional.

«Reafirmamos a prioridade do PCP ao pedido de ratificação do pacote laboral pela próxima Assembleia da República, no sentido da anulação da sua aplicação.»

Um programa específico com a duração de 15 anos que acompanhe a integração do Acordo Multifibras nas re-

gras dos GATT; a comparticipação substancial de fundos específicos da CEE; um programa de formação profissional de I&D ligado à indústria têxtil; adopção de medidas especiais para o Vale do Ave, de natureza social; a implementação de um observatório de acompanhamento permanente da situação do sector têxtil, serão defendidos na próxima Assembleia da República.

«Bater-nos-emos por uma política de verdadeiro, harmonioso e equilibrado desenvolvimento regional, lutaremos pelo efectivo exercício do direito ao trabalho, à estabilidade do emprego e à mel-

horia das condições de vida e de trabalho», estes foram alguns dos compromissos assumidos publicamente, na passada sexta-feira, num hotel do Porto, pelos candidatos CDU pelo círculo do Porto às próximas eleições.

A evidência dos sinais de degradação da situação social e a previsão do agravamento desta como reinício da laboração pós-férias, estiveram na origem da declaração-compromisso público dos candidatos da coligação.

«Ao contrário da propaganda do PSD/Cavaco Silva, a realidade mostra que a estabilidade social é uma ficção delineada pelos assessores de imagem e que as classes labo-

riosas vivem hoje globalmente pior», afirmaram os candidatos.

O empenho, «até aos limites das nossas possibilidades», foi assumido publicamente, no sentido de que, «o reforço eleitoral da CDU leve o PS à convergência democrática indispensável para a viabilização de um governo com uma alternativa política credível».

Os candidatos asseguraram a disposição de dar continuidade à acção parlamentar dos deputados eleitos pela CDU, na concretização do actual manifesto eleitoral da CDU e do programa eleitoral do PCP.

## Televisão privada

## Um concurso sem ponderação nem rigor

A Alta Autoridade para a Comunicação Social aprovou, na passada sexta-feira, o seu parecer sobre as candidaturas ao licenciamento de canais privados de televisão. Nas conclusões do parecer consta a referência a que «entende a Alta Autoridade para a Comunicação Social que os três candidatos reúnem os requisitos mínimos necessários para a atribuição das licenças postas a concurso, todos eles tendo condições para satisfazer o interesse público, embora cada um com diferentes características e méritos próprios».

O parecer foi aprovado com 10 votos a favor, 2 contra (de António Reis e Lídia Jorge, segundo a Comunicação Social, com o fundamento de que, no seu entender, a AACS deveria excluir um dos candidatos) e a abstenção de José Garibaldi.

No quadro de um processo que se reveste de alguma complexidade e que ficou marcado por múltiplas especulações e operações de contra-informação, julgamos do maior interesse dar a conhecer, através de extractos, o essencial da declaração de voto emitida por José Garibaldi, fundamentando a sua abstenção.

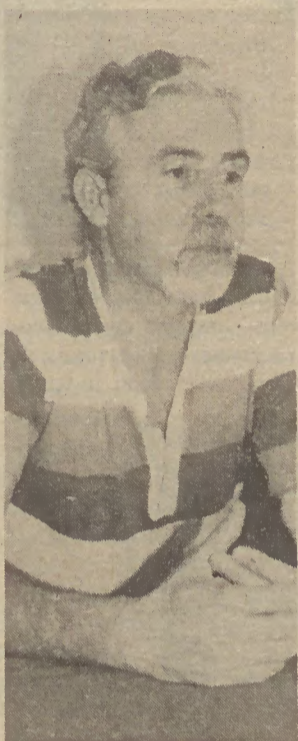
Na sua declaração de voto, José Garibaldi começa por chamar a atenção para a crescente preponderância da televisão na sociedade, tornada um «instrumento de circulação das ideias», com «influência decisiva no devir das sociedades humanas». Por outro lado sublinha que tais atributos se tornam preocupantes nos países onde o analfabetismo é relevante e se regista uma notável dependência da TV como fonte de informação e divertimento.

Considerando embora que a privatização da TV e o aparecimento de novos canais pode corresponder a «um legítimo desejo de alternativa e de alargamento do leque de escolhas, esta «não pode deixar de ser acompanhada por medidas que, de facto, permitam que esses anseios se concretizem na base do rigor e da transparência de processos e na salvaguarda de valores socio-políticos, éticos e culturais inerentes à sociedade que somos».

Referindo-se ao licenciamento de novos canais e à ausência de ponderação e rigor no concurso a que o AACS foi chamado a dar parecer, José Garibaldi afirma:

«No caso em apreço, o interesse público seria tanto mais protegido quanto maiores fossem as garantias de que a exploração de canais privados viesse a ser assegurada por entidades que, pela sua actividade anterior, tivessem revelado não só capacidade financeira, como criatividade e recursos materiais e humanos compatíveis com os fins genéricos e específicos da televisão, definidos na legislação portuguesa».

«Acontece que, nos termos em que o concurso foi concebido, o licenciamento será conferido a candidatos que, em vez de estúdios a funcionar, exibem (nos casos em que o fazem) projectos de plantas de estúdios a construir; em vez de programas produzidos ou encomendados, nos apresentam «grelhas» genéricas e sem quaisquer elementos que assegurem a sua credibilidade; em vez de meios técnicos adquiridos, nos dão a conhecer catálogos e relações de produtos a adquirir; em vez de saldos de exploração, nos descrevem hipotéticas evoluções do mercado publicitário e da quota de mercado a que poderão ter acesso; em vez de investidores nominados nos fornecem um arazoado de siglas que, na maioria dos casos, ora representam sociedades sem actividade conhecida, ora sociedades que não serão os investidores definitivos, ora outras cujas características não permitem detectar se os limites da máxima participação no capital social (estabelecidos tanto para o investimento estrangeiro, como para as participações individuais) serão respeitados.



José Garibaldi: um concurso sem ponderação nem rigor

## Concentração dos meios

«O concurso foi também concebido como elemento do processo de concentração dos meios de comunicação social. Não só surgem — nas três candidaturas — empresas que já dispõem de largo património na rádio e na imprensa, como o volume de capital mínimo exigido (2,5 milhões de contos) e o que será realizado para viabilizar os projectos (nunca inferior

a 6 milhões de contos), faz com que o acesso a este bem público escasso tenha sido limitado aos poucos grupos económicos com capacidade para um investimento desta grandeza. Nesta perspectiva é significativo que tenham surgido apenas três concorrentes ao licenciamento de dois canais.

«Uma solução diferente e mais conforme aos princípios por que se rege um Estado democrático, deveria implicar, numa primeira fase, o aluguer dos novos emissores, de forma rateada, entre todas as empresas interessadas (nomeadamente as de média dimensão) ao longo das diversas horas de transmissão diária e semanal, de modo a que os empreendimentos mais aptos e qualificados se viessem a revelar pelo trabalho efectivamente desenvolvido, pela competência técnica, pela qualidade da informação e da programação, pela

aceitação pública do modelo proposto e não apenas pela capacidade de mobilizar recursos financeiros.

«Uma cautela deste tipo, além das virtudes democráticas inerentes, teria também a de possibilitar a expressão de mais vozes e opiniões do que as que compõem o estreito quadro actual do pluralismo dos meios de informação.

«Teria a virtude de testar a viabilidade económica do funcionamento, em simultâneo, de 4 canais de televisão, quando é do conhecimento geral (e resulta inequivocamente da experiência estrangeira), que a actual receita de publicidade em Portugal, e mesmo a sua evolução prevista nos cálculos mais optimistas, será insuficiente para assegurar a solvência de todos os operadores.

«Permitiria ainda que durante essa fase inicial (e antes

do arrendamento a dois operadores privados, durante largo período de tempo, da totalidade da rede) fosse discutido, com ponderação, o futuro do serviço público de televisão, não só quanto ao conteúdo que lhe deve ser inerente, como quanto às diversas modalidades do seu financiamento — o que, em última análise, o colocaria ao abrigo das pressões que serão exercidas pelos operadores de televisão privada, uma vez confrontados com a escassez das suas receitas e o irrealismo das suas previsões.

«Receia-se, com fundamentadas razões, que o "dynamismo" da iniciativa privada se oriente no sentido de pressionar o futuro Governo a liquidar o serviço público de televisão (ou a diminuir drasticamente a sua dimensão e capacidade para assegurar elevados índices de audiência), de modo a canalizar para a iniciativa privada a quase totalidade das receitas publicitárias. O esvaziamento da importância e do nível de audiência do serviço público é uma das possíveis consequências indirectas deste concurso, tal como foi concebido.»

## Uma solução lamentável

A declaração de voto salienta também que o concurso «não assenta num caderno de encargos claro e imperativo, que transmita alguma consistência às propostas dos candidatos ao licenciamento.»

## Razões de um voto

Perante o quadro descrito, compreender-se-ia mal que a AACS eliminasse um dos candidatos, dadas as fragilidades do regulamento, os inconvenientes do modelo e os escassíssimos poderes que a lei lhe confere quanto ao acompanhamento da execução dos projectos submetidos a concurso e ao respeito pela legislação em vigor.

O entendimento de qual o papel que a lei comete à AACS em todo o processo de licenciamento impõe uma reflexão sobre as disposições da Constituição e da legislação ordinária.

O que decorre do nº3 do Artigo 39º da Constituição, da Lei 58/90 e da Lei 15/90 é a falta de explicitação das características do parecer da AACS e dos parâmetros para a sua análise dos processos.

Em contrapartida, o Governo, pelo disposto no Artigo 11º da Lei 58/90, está em condições de saber claramente quais os factores a ter em conta para a atribuição de licenças.

O facto do parecer da AACS ser apoiado num estudo aprofundado das várias candidaturas reflecte apenas o seu escrúpulo em o fundamentar e não decorre de qualquer imperativo legal. Portanto, ele não pode ser invocado para justificar qualquer decisão do Governo, não condiciona a sua escolha.

Nesta ordem de ideias o Governo também não poderá considerar a hierarquização dos méritos relativos das candidaturas, patente em muitas apreciações contidas no parecer e nas próprias «Conclusões», quando emitir a sua decisão final.

Sendo favorável a todas as candidaturas, o parecer como que se esgota, já que a sua função reside na possibi-

lidade de eliminar, ou não, uma ou várias candidaturas.

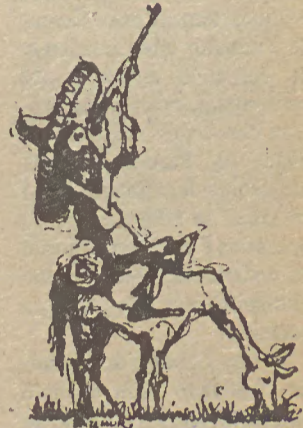
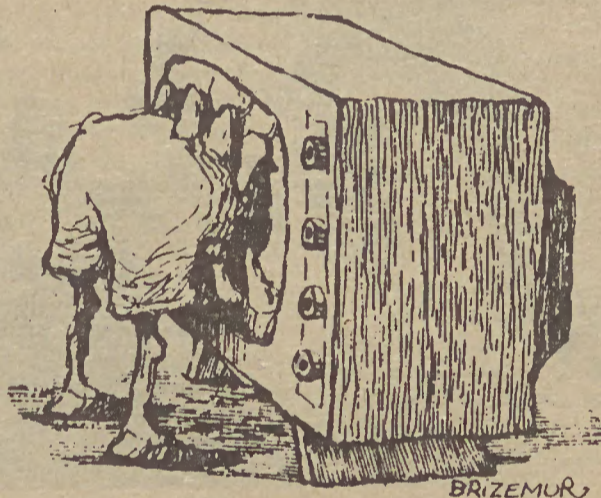
A deficiente concepção deste Concurso e do seu regulamento que me impedem de votar favoravelmente o parecer da AACS — não podem defraudar as legítimas expectativas dos candidatos, nem o legítimo desejo dos espectadores a uma maior diversidade na oferta de programas de televisão.

Por um lado, os concorrentes respeitaram as condições impostas, asseguraram o concurso de técnicos e empresas especializadas, fizeram investimentos e estudos, empatarem capital, definiram filosofias próprias de programação, adaptaram as «grelhas», os meios financeiros e técnicos a esses objectivos, apresentaram propostas que na generalidade são o suporte de projectos teoricamente possíveis e merecem, por isso, que a Alta Autoridade faculte o seu acesso à fase final do Concurso. Os defeitos do regulamento não são da sua responsabilidade.

Por outro lado, gerou-se na sociedade portuguesa uma expectativa favorável à existência de diversos canais de televisão que não pode deixar de ser tida em conta, até porque traduz uma natural exigência de mais elevados padrões de vida.

Embora o Concurso e o seu regulamento não sejam os que melhor defendem os anseios de uma maior diversidade cultural, de aumento do pluralismo informativo e da programação, deve reconhecer-se que a existência de diversos operadores de televisão constitui, em si mesma, um factor positivo.

Dá que o meu voto não possa ser desfavorável à essência do parecer em apreço e a razão final por que me abste-



Mais adiante, José Garibaldi afirma:

«Constitui, portanto, mais uma solução lamentável e um facto de descrédito do concurso o facto de caber ao Conselho de Ministros esse acompanhamento e a decisão de revogar a licença — aliás, a única penalidade possível e prevista na Lei.

«Com este enquadramento legal, que não salvaguarda a defesa do interesse público nem a independência dos operadores, o concurso resvala para os terrenos da pura subjectividade, e sobressaem como indicadores importantes, não tanto o próprio conteúdo das propostas submetidas a apreciação, dada a sua possível alteração radical, mas os méritos e a credibilidade das personalidades mais representativas de cada projecto.

«Neste momento há que ter em conta que nos encontramos perante uma situação de desigualdade que não permite comparações.

«É facto que o Dr. Proença de Carvalho (TV 1) foi administrador da RTP, mas isso pouco abona em seu favor. Com efeito, a sua presença na televisão pública foi marcada pelos projectos megalómanos e financeiramente catastróficos e pelo encerramento do serviço informativo do Canal 2.

«Resta saber como teriam agido, em iguais circunstâncias, os responsáveis pelo projecto da SIC e da TV Independente.

«Uma das possibilidades de dar alguma consistência ao conteúdo das propostas apresentadas, seria a audição de técnicos e especialistas nas diferentes áreas sujeitas à apreciação da AACS ou a realização de encontros com os responsáveis pelos projectos.

«Nestes encontros poderia ser melhor testado o realismo das propostas e melhor conhecido o conteúdo concreto das «grelhas». Afinal, que tipo de programas se esconde por detrás de designações como «talk-show», «série» e outras?

«Apesar de propostas neste sentido terem sido apresentadas ao plenário da Alta Autoridade, nomeadamente por mim, elas foram liminarmente recusadas.»

## Cova da Piedade

# Dito e feito: há novo Centro de Trabalho!

A Freguesia da Cova da Piedade, no Concelho de Almada, tem um novo Centro de Trabalho, obra resultante do empenho militante dos comunistas locais e que procura dar resposta às necessidades do Partido naquela importante localidade, como se sabe, de fortes tradições operárias e com um historial de resistência e luta que lhe grangeou merecido prestígio nacional.

O novo Centro de Trabalho, instalado num edifício bem colocado no coração da vila, foi inaugurado no passado dia 22 de Junho pelo Secretário-Geral Adjunto do PCP, Carlos Carvalhas, num acto que reuniu uma multidão orgulhosa e satisfeita. Mas muito se teve de fazer para chegar ali, e foi isso que nos contaram alguns dos camaradas que participaram, desde o princípio, na tarefa sem dúvida complexa de pôr em andamento um tal projecto.

José Alves de Almeida, Abílio da Conceição Jorge (ambos das Comissões de Freguesia e Pró-Centro), Vitalino António e José Rodrigues (da Comissão Pró-Centro) foram os nossos interlocutores, numa conversa que decorreu já no salão do novo Centro, na ponta de uma vasta mesa que está em condições de receber iniciativas de vulto. Pouco antes visitáramos todas as instalações, onde aqui e ali ainda se estão a dar alguns retoques mas onde, sobretudo, estão abertos os espaços necessários para a actividade do Partido e dos seus militantes e, naturalmente, para o convívio e o lazer.

«Optou-se por um prédio no centro da Freguesia», explicaram-nos, «isto após vários plenários realizados para os cerca de 800 militan-

tes aqui organizados. Constituiu-se uma Comissão Pró-Centro com o objectivo de angariar fundos e tratar de todos os aspectos operacionais para a escolha e compra do prédio».

E assim se fez, no pressuposto de encontrar algo no centro da vila, cerne de uma Freguesia urbana e operária como ainda é a Cova da Piedade, que há algumas décadas constituiu um dos mais importantes centros corticeiros do País.

### Começar pelo telhado!

Escolhido o prédio e feita a escritura (em Fevereiro de 1990) discutiram-se os passos a dar e decidiu-se começar... pelo telhado! Não se tratou de uma bizzaria, evidentemente. O edifício necessitava de reparações urgentes nessa zona, bem como nos tectos e paredes interiores, o que se fez sobretudo na base do trabalho voluntário. Para trás ficara o esforço financeiro para a aquisição do imóvel, arranjando-se um dos dois terços da verba que faltava através de iniciativas dinamizadas pela Comissão Pró-Centro e o restante através de empréstimos obtidos entre camaradas e amigos.

O prédio adquirido era de habitação e estava há 14 anos sem moradores. Pô-lo em condições exigiu novo esforço, que passou pelo pagamento de 1500 contos em remunerações para trabalhos especializados (caixilharia, reparação do telhado e das paredes exteriores, alguns trabalhos de mobiliário e marcenaria, etc.), enquanto as ofertas iam surgindo até atingirem a bonita quantia de

2500 contos, quer através de dinheiro, quer do fornecimento de materiais e serviços, nomeadamente tintas e pinturas oferecidas por comerciantes e industriais locais que, não sendo comunistas, fizeram questão de contribuir, a instalação eléctrica, a aplicação de tectos, todas as pinturas de interior e exterior, o tratamento do chão, os estores (oferecidos por um industrial membro do Partido), os cortinados, a cozinha e respectivos móveis (oferecidos

e montados por um comerciante que, à semelhança da generalidade dos ofertantes, quis o anonimato) os móveis, balcões, máquinas de escrever e calcular, flores e plantas e uma aguarela de Carlos Canhão (um original que preside a uma das cabeceiras da sala de reuniões e representa uma cena de carga/descarga numa fábrica de cortiça). Assim mesmo, tudo discriminadinho como os camaradas fizeram questão de dizer.

Um novo Centro de Trabalho, recentemente inaugurado na Cova da Piedade



Os nossos interlocutores sublinharam também que «nos contactos com os comerciantes e industriais da Cova da Piedade ninguém recusou materiais ou colaboração e toda a gente recebeu sempre com grande consideração esta iniciativa do Partido». Aqui fica o registo.



## Por alcunha «O Mata Cabras»

Todos nós sabemos o flagelo que têm sido os incêndios nas serras portuguesas; todos nós imaginamos muitas das artimanhas que estão por detrás desse flagelo; todos nós fazemos conjecturas acerca das melhores soluções para, quanto mais não seja, minorar a gravidade da situação.

Até aqui tudo bem. Toda (ou quase toda) a população se sente melindrada pela realidade dos números e também pela inércia das autoridades competentes face ao crescimento dos fogos florestais.

Porém, no passado dia 24, foi o próprio Presidente do Governo Regional a encontrar a solução para toda esta problemática (pelo menos no plano regional): matem-se as cabras!!! Não, não há nenhum erro ortográfico. Foi precisamente isto que foi avançado (em tom de ameaça, marcando a data do «ultimatum» para 1 de Outubro) pelo Sr. Dr. Alberto João Jardim.

Sem ser, nem de longe nem de perto, um especialista em pastorícia, parece-me que esta solução é, para além de original, incongruente. E isto porquê?

Porque, dado que o Sr. Dr. Alberto João Jardim não justificou a sua tomada de atitude, vejo-me na obrigação (e penso que todos os que souberam da sua intervenção) de puxar pelas «celulazinhas cinzentas» para tentar perceber qual a razão do «extermínio cabral».

Quando senti que estas células começavam a deitar fumo, notei que só tinha «visto» duas «explicações» para tão controverso assunto:

— O Sr. Presidente referia-se ao possível interesse dos criadores destes herbívoros em incendiar as serras madeirenses para que as suas cabrinhas pudessem pastar à vontade. Relembrando o meu pouco «à vontade» na matéria, parece-me que esta explicação é pouco razoável, dado que as cabras comem arbustos e estas nascem livremente em zonas de densa vegetação.

— O Sr. Dr. Aberto João Jardim tentava aludir às possíveis «patuscadas» que se fazem com a carne destes animais e ao possível desleixo durante as mesmas, que porventura, provocaria os incêndios. Novamente esta explicação afigurou-se-me, no mínimo, inconsequente, pois tanto se fazem «patuscas» de carne de cabra, como de qualquer animal comestível. Então por que pensa o Sr. Dr. Alberto João poupar as ovelhas?...

Sendo assim, o que mais ressalta à vista nesta questão não é a «solução» original do Sr. Presidente, mas sim o facto de não explicar (propositadamente ou não, só ele o saberá) os fundamentos que o levaram a esta conclusão, embora seja seu apanágio «falar de cor».

Quicá serei eu que estou a «falar de cor» e haverá uma explicação simples e lógica para a manança em série.

Mas, como diria Boileau: «Um tolo encontra sempre outro ainda mais tolo para o admirar» e não será por isso que nem eu nem o Sr. Dr. Alberto João Jardim (embora este último tenha muita mais responsabilidade do que eu) encontraremos um motivo para o suicídio.

## As casas do Partido

Os Centros de Trabalho são as casas do Partido onde habita a actividade organizada e organizadora do PCP. Esta função operacional acabou por se impor como a imagem de marca dos CT's, sobretudo quando vistos do exterior e por quem, da actividade dos comunistas, conhece apenas as fachadas destes edifícios a que as bandeiras nacional e partidária conferem um certo ar oficial.

Mas os Centros de Trabalho do PCP são muito mais que uma espécie de repartições partidárias onde se cumprem horários e tarefas e a que apenas têm acesso os membros do colectivo. Lá dentro trabalha-se mas, sobretudo, vive-se com a naturalidade dos actos quotidianos, num convívio que é de todos que lá queiram ir e que tem tanto de confessional e hierático como uma conversa de amigos à mesa dum café.

O novo Centro de Trabalho do PCP na Cova da Piedade não é diferente. Vão lá e vejam!

■ H. C.

■ Nuno Vasconcelos

## TRABALHADORES

No Hospital de Portalegre

## Situções de perigo para os doentes

Os doentes de internamento no Hospital de Portalegre «continuam a lutar contra elevadas temperaturas no Verão, passeando-se seminus pelo corredor e deitando-se no chão na tentativa de se refrescarem».

A revelação, que infelizmente não é tão rara como isso, chega-nos do Sindicato dos Enfermeiros Portugueses (SEP) que nos elucidou sobre o facto de as elevadas temperaturas sentidas já terem levado «o conselho de administração a instalar ar condicionado nos seus gabinetes».

Mas, segundo o SEP, o ar condicionado da administração parece não a ter levado a «desenvolver incentivos para a fixação de mão-de-obra qualificada».

Há falta de médicos e enfermeiros em vários serviços, como a urgência, medicina, consulta externa, anestesiologia, imunoterapia, UCI e outros.

Além disso, «continua a haver, segundo o SEP, dezenas de enfermeiros, secretárias de unidade e auxiliares de acção médica com emprego precário, para o desenvolvimento de tarefas de carácter permanente, em clara contradição com o espírito da lei».

Apesar disso, prossegue o SEP, «foi aprovado um quadro hospitalar que fica muito aquém das necessidades».

Os delegados sindicais do SEP e do Sindicato dos Médicos da Zona Sul do Hospital de Portalegre acusam o conselho de administração dessa unidade distrital de «atitude demagógica e autocrática».

O descontentamento aumenta entre enfermeiros e médicos.

Sublinha o SEP que «a atitude demagógica do conselho de administração continua com a abertura de novos ser-

viços de forma anárquica e sensacionalista».

Mas as condições não melhoram. «Basta verificar a forma desumana como é feito o transporte de muitos doentes de hemodíalise, a precariedade de meios humanos e materiais na Unidade de Recobro, a carência de enfermeiros em obstetrícia que, para atender à sala de partos, invariavelmente deixam o internamento entregue à auxiliar de acção médica».

Delegados sindicais e sindicatos acusam ainda de «insuficiente» o suporte energético do Hospital.

Há situações, acrescentam, «que põem em perigo a vida dos utentes, já que quando falta a corrente eléctrica não há uma resposta eficaz».

E há ainda os horários.

«A administração, diz o SEP, contracenando com a imagem demagógica que tenta vender à opinião pública, tem imposto horários de funcionamento a médicos e enfermeiros que violam declaradamente a lei e os direitos dos trabalhadores».

Quanto aos médicos, «não lhes reconhece o direito ao período máximo de urgência prescrito na lei e o direito à opção: em regime de presença física ou em prevenção».

Em relação aos enfermeiros, «não lhes reconhece o direito a folga, quando escalados para fazerem trabalho extraordinário nos dias de folga, ignorando o direito inalienável ao descanso».

Com manifesto carácter intimidatório, acentua o SEP, a administração «ameaça com requisição civil (?), obrigando os enfermeiros a fazer 24 horas seguidas».

Ao mesmo tempo, a administração ignora sugestões apresentadas pelo SEP quando à transferência de doentes para hospitais centrais».

## Falta de segurança na origem da tragédia na Lisnave

O Secretariado da Comissão Concelhia de Almada do PCP, ao tomar posição face ao acidente na Lisnave de mortais consequências e de que resultam ainda operários gravemente feridos, para além de endereçar às famílias enlutadas o seu pesar, denunciou o facto de «esta tragédia se seguir a muitas outras cuja repetição suscita a mais viva repulsa e preocupação».

Aquele organismo local do PCP afirma «perflhar a opinião dos órgãos representativos dos trabalhadores», os quais têm exigido à Administração da empresa a tomada de medidas que evitem de vez acidentes de tamanhas e dolorosas proporções. Na opinião das estruturas dos trabalhadores, que o Secretariado da Comissão Concelhia de Almada do PCP apoia, a causa fundamental das ocorrências deste tipo deve-se à falta de segurança nos estaleiros da Lisnave.

Entretanto, o executivo da célula da Lisnave do PCP emitiu uma nota onde se refere que:

«Os acidentes de trabalho não são uma fatalidade, são, quase sempre, o resultado da falta de condições de trabalho, originadas por erros ou defeitos do processo produtivo».

«Por outro lado as condições de trabalho são o barómetro da situação política a nível nacional. Estas melhoram ou pioram de acordo com a evolução, positiva ou negativa para os trabalhadores, dessa mesma situação política».

«Os ambientes agressivos, os perigos diversos a que os trabalhadores estão expostos, e as sobrecargas psíquicas, são originados por uma lógica económica do capital sobre o trabalho. Aumenta a exploração, os trabalhadores ficam cada vez mais sujeitos, não tendo a liberdade de recusarem os riscos que fazem parte do seu trabalho».

«Assim os trabalhadores nos seus locais de trabalho são mortos, mutilados, adquirem graves doenças pro-

fissionais. Ou seja: os trabalhadores são forçados a obedecer, com todas as consequências para a sua saúde e a sua vida».

«Nos últimos anos a situação agravou-se, tendo vindo a culminar em 1990 e 1991 como anos trágicos, em que morreram 14 trabalhadores ao serviço da empresa».

«Os acidentes de trabalho exercem na empresa uma acção erosiva que se manifesta, sobretudo, por graves implicações huma-

nas, sociais e económicas. Isto significa que sempre que ocorre um acidente de certa gravidade ele se reflecte em toda a empresa, afectando o ambiente de trabalho, as relações sociais e laborais», concluiu o comunicado.

A Célula da Lisnave exortou as estruturas dos trabalhadores, todos os trabalhadores, a tornarem-se sujeito activo na luta firme e determinada pela melhoria das condições de trabalho na empresa.

## AEP

## A DORL acusa

O Governo Cavaco, o IPE (Investimentos e participações do Estado), o grupo Central e Rocha de Matos, presidente do mesmo grupo e da Associação Industrial Portuguesa são acusados pela DORL do PCP de participarem na destruição da Automática Eléctrica Portuguesa (AEP) concretizando «o escandaloso processo de despedimento colectivo de 465 trabalhadores». A acusação consta de uma nota á comunidade social de 7 do corrente, onde se lê:

«Como Pilatos, o Governo Cavaco Silva lavou as mãos das suas responsabilidades directas na gestão da empresa». Esta afirmação justifica-se, segundo a DORL, porque o IPE é «de-

tentor de 48 por cento das acções» e por terem sido injectados na AEP «várias centenas de milhares de contos para a viabilização da empresa».

O resultado dessa «viabilização» está à vista: «É a destruição de 3300 postos de trabalho nos últimos seis anos».

Depois de recordar a sua participação na luta ao lado dos trabalhadores da EAP, designadamente na Assembleia da República e noutras instâncias, o PCP e a DORL, destacam também «a solidariedade de milhares de outros trabalhadores e a combatividade do pessoal da AEP (na maioria mulheres)».

A nota da DORL do PCP conclui afirmando que o

«exemplo da AEP desmente, de forma contundente, os discursos propagandísticos do Governo Cavaco sobre a diminuição da taxa de desemprego e a estabilidade e segurança no emprego. É um exemplo da instabilidade provocada pela acção do Governo e da sua política».

Confiante na sua «rápida estabilização profissional», a DORL do PCP dirige-se por último aos trabalhadores da AEP para que, juntamente com «milhares de outros trabalhadores afectados pela política anti-social deste Governo», coloquem a «direita em minoria na Assembleia da República», sendo determinante o reforço da votação na CDU.

## Função Pública

## Governo obrigado a cumprir lei da negociação colectiva

A Federação Nacional dos Sindicatos da Função Pública (FNSFP), depois de recebida pelo director-geral da Administração Pública em 7 do corrente, faz que essa

reunião foi, «de facto, o resultado das acções de luta desenvolvidas e veio quebrar a marginalização negocial a que o Governo pretendia voltar a Federação».

Ao dirigir-se aos órgãos da comunicação social em 8 do corrente, a comissão executiva da FNSFP recorda em primeiro lugar que a reunião se efectuou «na sequência da posição assumida pelo Provedor de Justiça» que deu razão à queixa da própria FNSFP «por violação do direito à negociação».

O Governo apresentou nessa reunião uma proposta à FNSFP «no sentido de serem corrigidas anomalias e distorções resultantes da aplicação do novo sistema retributivo (NSR)».

Numa primeira análise, a Federação e os sindicatos consideram a proposta onerosa. Poderam, no entanto, que a mesma «terá um alcance diminuto e redutor» ao deixar de fora «duas grandes reivindicações que estiveram aliás

na origem de um intenso processo reivindicativo no primeiro semestre deste ano: a revalorização das carreiras, em particular da administrativa, e o processo de descongelamento dos escalões».

Mas «os Sindicatos propõem-se estudar a proposta do Governo e contribuir para o otimizar os seus efeitos».

Não abdicarão, contudo, segundo a FNSFP, de «continuar a lutar em torno da revalorização das carreiras e de um descongelamento dos escalões ajustado».

A nota da Federação conclui afirmando: «Qua a nossa boa vontade negocial não se confunda com capitulação, e o Governo que não pretenda confundir os trabalhadores, tentando negociar questões «periféricas» e deixando de parte as questões centrais».

## A USC lança edição sobre regionalismo

A lançar antes das eleições legislativas, vai ser publicado pela União dos Sindicatos de Coimbra um livro sobre as perspectivas de desenvolvimento da região.

A edição tem por base comunicações e conclusões apresentadas numa conferência efectuada sobre o assunto por aquela estrutura intermédia da CGTP-IN.

Segundo a USC citada pela Lusa, a iniciativa que decorreu em Março revestiu-se de «extrema importância» por congregado personalidades de vários quadrantes ideológicos.

Durante o debate, acrescenta a USC, os participantes

«abdicaram do partidário para se centrarem numa correcta postura regionalista».

Perante a importância do debate «perfeitamente actualizado», a União dos Sindicatos de Coimbra (âmbito distrital) entende que as conclusões da conferência «devem suscitar a reflexão das entidades com poder para intervir no desenvolvimento da região».

Os «aspectos revelantes da Justiça social» são destacados pela USC sobre a questão em debate.

O desenvolvimento «não pode consistir apenas num mero crescimento económico», refere.

## Baixos salários Plenário na RN

O conselho de administração da Rodoviária Nacional decidiu interromper unilateralmente as negociações salariais, impondo aumentos à volta dos 12,5 por cento.

Os sindicatos responderam, convocando um plenário sexta-feira passada. Um dia antes, a Lusa noticiava que o plenário implicaria a paralisação dos autocarros na zona da Grande Lisboa e margem Sul do Tejo naquele dia de manhã.

Orlando Costa, dirigente da Federação dos Sindicatos dos Transportes Rodoviários e Urbanos (Festru), previa a participação de todos os trabalhadores da RN no plenário anunciado para 9 do corrente.

## Turquia

# «Operação de limpeza» contra curdos e comunistas

Turquia bombardeia curdos e ilegaliza PC turco

O governo turco desencadeou uma chamada "operação de limpeza" aos curdos turcos refugiados no norte do Iraque através da acção conjugada de forças terrestres e aéreas. Segundo fontes oficiais de Ancara a acção, iniciada segunda-feira da semana passada, causou «pesadas perdas aos rebeldes independentistas», mas não foi divulgado até ao momento nenhum balanço do número de vítimas.

O ataque, em que participaram comandos especiais com o apoio da artilharia e de caças-bombardeiros F-4 e F-104 e helicópteros Puma e Sikorsky, levou as forças turcas a penetrar em território iraquiano, embora tenha sido afirmado que a operação «não visava a integridade territorial do Iraque» mas apenas «destruir as

posições rebeldes que estão na origem da desestabilização no Sueste da Anatólia».

A Turquia não descarta contudo a possibilidade de vir a criar uma «zona tampão» no norte do Iraque, actualmente sob o controlo dos curdos iraquianos.

Apenas alguns meses se passaram sobre a guerra do Golfo mas longe parecem já os tempos em que as autoridades turcas se prontificaram a receber refugiados curdos iraquianos, agora a serem perseguidos.

Longe também parecem os dias em que as forças aliadas, lideradas pelos EUA, se indignaram de súbito com o «drama» curdo e alimentaram os seus sentimentos e reivindicações independentistas para capitalizar a oposição a Bag-

dad, incentivando um êxodo suicida para parte nenhuma e que apenas serviu para justificar a permanência de forças americanas em território iraquiano.

A Turquia, para quem «o problema curdo não existe» nas palavras do seu embaixador em Lisboa, tem toda a liberdade para fazer hoje o que sempre fez - perseguir e massacrar os curdos - e seguir as pisadas de Israel na criação de «zonas tampão». Os organismos internacionais não se manifestam nem se indignam com isso.

Como não se manifestam nem se incomodam com a ilegalização do Partido Comunista da Turquia, decretada pelo Tribunal Constitucional daquele país no passado dia 22 de Julho, após a sua legalização

no ano passado graças à intensa campanha das forças democráticas que forçou o governo à abolição dos parágrafos 141 e 142 do Código Penal turco que proibiam a actividade dos comunistas. Através de um artifício legal, o Tribunal Constitucional vem agora, um ano depois, invocar a lei dos partidos políticos, que continua a proibir a formação de partidos com o nome de «comunistas» ou que afirmem a existência do povo curdo na Turquia, para ilegalizar o PCT.

Na Turquia, comunistas e curdos não existem. A não ser, claro, para as «operações de limpeza», nova fórmula para designar massacres perante a indiferença dos «grandes defensores» das liberdades democráticas e dos direitos humanos.

## Desemprego a Leste

«O recuo constante da procura interna, devido à diminuição do poder de compra e dos salários reais, o abrandamento das trocas comerciais entre a URSS e os seus antigos países irmãos e ainda o encerramento dos grandes conglomerados de Estado são os principais responsáveis da progressão assustadora do desemprego».

A afirmação é dos peritos da OCDE que recentemente divulgaram um estudo sobre o desemprego que grassa na maioria dos países da Europa de Leste, fazendo temer «um perigo massivo de emigração dos jovens trabalhadores leste-europeus para a Europa Oci-

dental à procura de emprego».

Segundo os peritos, até ao final do ano o desemprego deve afectar mais de 12 por cento da população activa da Polónia, Checoslováquia, Bulgária e Roménia e cerca de 8 por cento na Hungria, enquanto na Jugoslávia tudo aponta para que a actual taxa de 20 por cento de desempregados continue a aumentar.

Na Polónia, no final do passado mês de Junho, estavam oficialmente registados 1 574 000 desempregados (8,5 por cento da população activa), dos quais 60 por cento com idades entre os 18 e os 34 anos. O FMI estima que até ao final

do ano o desemprego venha a afectar 12 por cento da população activa.

Na Checoslováquia, na mesma data, o número de desempregados tinha quadruplicado em relação ao início do ano, ultrapassando os 300 000; segundo o ministro do Trabalho, Petr Miller, até Dezembro o desemprego pode vir a afectar cerca de 15 por cento da população.

Por seu turno, na Hungria, o desemprego afectava já 3,9 por cento da população activa em fins de Junho, tendo mais do que duplicado em relação a Janeiro (de 85 000 para 185 554).

A Bulgária, que em Junho tinha 206 000 desempregados, deverá, segundo as previsões do respectivo ministro do Trabalho, atingir nos próximos meses os 400 000 desempregados, ou seja, cerca de 12 por cento da população activa.

No que se refere à Roménia - que em Junho tinha oficialmente 134 041 pessoas sem trabalho - as previsões para os próximos meses divergem: as autoridades apontam para 500 000 e os sindicatos para 1 500 000 desempregados.

Como afirma a propósito um perito da OCDE «infelizmente, não se vislumbra ainda o final do túnel».

## Timor-Leste

## Um problema de todos

A questão timorense não é apenas uma disputa entre a Indonésia e Portugal; é um conflito aberto entre o regime de Suharto e a comunidade multinacional. Daí que se imponha, nesta sede prestigiada, a adopção de mecanismos expeditos e sérios para a cura de uma chaga viva que dói na carne dos homens livres.

As palavras são do deputado comunista José Manuel Mendes ao intervir no passado dia 8 na Comissão de Descolonização da ONU, em Nova Iorque, onde a questão de Timor-Leste esteve na ordem do dia.

Segundo o deputado do PCP, que lembrou as atrocidades cometidas pela Indonésia

contra o povo maubere ao longo de quase duas décadas, torna-se cada vez mais urgente «denunciar uma situação intolerável que seria absurdo manter num final de século que não permitiu a impunidade dos que invadiram o Koweit».

«Não é abusivo - afirmou - invocar o modo como as Nações Unidas intervieram, com uma firmeza e celeridade que sob pena de suscitarem dúvidas pertinentes - carecem de ser confirmadas noutras latitudes, no emirato vítima do expansionismo iraquiano». Sublinhando a similitude das duas situações, o deputado comunista não hesitou em afirmar que a principal diferença entre ambas «reside no facto de

a anexação de Timor-Leste haver ocorrido mais ou menos quinze anos antes...».

Considerando que importa olhar de frente a problemática timorense, o nosso camarada recordou as importantes resoluções da ONU sobre a questão, bem como as tomadas de posição do Parlamento Europeu, da CEE e de outros organismos, bem como a solidariedade dos que «não contrabandeiavam princípios», sublinhando a necessidade de se adoptarem «mecanismos expeditos e sérios» que permitam «uma regulação internacionalmente aceitável, à luz dos objectivos políticos que nos norteiam e colhem o aplauso da Carta das Nações Unidas».

Para José Manuel Mendes, a disponibilidade para o diálogo por parte de Portugal não tem tido reciprocidade pelo lado da Indonésia, que no entanto tudo aconselharia a «uma sensata flexibilização, a um abandono das pretensões e actuações que ferem o direito internacional e os direitos humanos no martirizado espaço geográfico, étnico e político de Timor-Leste», pois os timorenses já demonstraram que, «apesar do vendaval das mortes, das torturas, dos flagelos a que são diariamente sujeitos, não demitiram a esperança, não abdicam do que lhes pertence perante a História e o futuro».

## Repressão no Sudão

A imposição da chamada lei islâmica no Sudão, pela Junta militar no poder, tem vindo a agravar a situação que se vive no país no respeitante às violações dos direitos humanos e das liberdades democráticas. Ainda no mês passado as autoridades militares reprimiram violentamente uma manifestação de estudantes da Universidade de Khartoum, que protestavam contra a deterioração das suas condições de vida e de estudo, provocando três mortos e fazendo centenas de prisões.

Num comunicado denunciando esta situação, o Partido Comunista do Sudão apela à solidariedade internacional para com o seu povo e alerta para o caso particular do activista político Mohamed Ibrahim Abdul(kabaj), preso desde Dezembro de 1990 e em risco de ser condenado à morte por alegada posse de documentação «ilegal».

Segundo o PCS apenas a activa solidariedade da comunidade internacional para com a luta pela restauração da democracia e o respeito pelos direitos humanos pode ajudar a pôr fim ao despotismo da Junta militar sudanesa, apostada em liquidar toda a oposição ao seu regime.

## Colonatos na Cisjordânia

O governo israelita continua com a sua política de instalação de colonatos na Cisjordânia, o que está a provocar crescente contestação a nível internacional, pela ameaça que representa para a realização da conferência de paz para o Médio Oriente. O Governo britânico classificou a semana passada tal atitude de «ilegal e provocatória», enquanto a Síria fez sentir que não haverá paz sem a restituição dos territórios ocupados aos seus proprietários, «os sírios, os palestinianos ou os libaneses». Recordar-se que Damasco pretende recuperar os montes Golã, ocupados por Israel em 1967 e anexados em 1980. O princípio «paz a troco de terra» tem sido sistematicamente rejeitado por Israel, que ocupa pela força parte do Sul do Líbano, a Cisjordânia e a Faixa de Gaza e o planalto estratégico de Golã.

## Desemprego na Alemanha

O desemprego continua a aumentar na ex-RDA, tendo atingido em Julho 1068 milhões, mais 226100 do que no mês anterior, e passando de 9,5 por cento para 12,1 por cento. Segundo o Gabinete Federal de Estatística, 58,5 por cento dos desempregados são mulheres. No mesmo período baixou drasticamente o número dos chamados «desempregados parciais», que na sua maioria passaram a integrar o grupo dos desempregados. Também na parte ocidental o desemprego está a aumentar, ainda que mais lentamente: 101100 em Julho, passando de 5,3 no mês anterior para 5,7 por cento. Em termos globais, o número de desempregados na Alemanha é agora de 1693 milhões.

## Crise nos EUA

Segundo um inquérito divulgado pelo «The Wall Street Journal», os lucros líquidos das empresas norte-americanas baixaram 25 por cento no segundo trimestre deste ano em relação ao mesmo período do ano passado. Entre os sectores em que mais se fez sentir a perda de lucros contam-se os da indústria automóvel, da siderurgia e dos transportes aéreos, seguidos pela quebra registada na indústria química, companhias petrolíferas e pela banca.

O inquérito, que abrangeu 633 grandes empresas, revelou por outro lado que as empresas de corretagem, têxteis e farmacêuticas se encontram em expansão.

Os analistas estão divididos quanto à evolução da situação; enquanto uns pensam que chegou ao fim a recessão e que até ao fim do ano começará a recuperação económica, outros admitem que a recessão pode continuar.

## FMI pressiona S. Tomé

O Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial impuseram uma série de medidas a São Tomé e Príncipe como condição prévia para a concessão de novas linhas de financiamento, entre as quais se conta a desvalorização da dobra (moeda nacional) em 40 por cento e desvalorização mensal de 2,3 por cento da respectiva taxa de câmbio. Aquelas duas instituições consideram que o país precisa de uma «acção de choque» e apontam, entre outras coisas, para o aumento dos combustíveis e o congelamento dos salários.



# Os grandes amigos do povo curdo

■ Manoel de Lencastro

O nosso trabalho de hoje, dividimo-lo em três partes distintas esperando sejamos capazes de demonstrar que todas convergem, afinal, no sentido que pretendemos expor: a hipocrisia dos imperialistas.

## I

O povo curdo, que de há muito procura fazer ouvir a sua voz agitando aspirações à independência ou a qualquer forma de autodeterminação que se lhe reconheça, viu, recentemente, como se sabe, concentradas sobre si as atenções do mundo. Parecia que o regime de Saddam Hussein, após a derrota sofrida na guerra do Golfo, não reunia condições para impedir o desmembramento do Iraque e os curdos, conscientes das dificuldades de Bagdad, tentaram, então, imprimir novo impulso à luta pelos seus desígnios de liberdade. Foi quando, face à reacção do governo do Iraque, o mundo observou aquelas longas colunas de refugiados que buscavam abrigo nas montanhas frias ou se concentravam, em precárias e dolorosas condições, ao longo da fronteira com a Turquia. E, como é natural, ninguém deixou de sentir-se de algum modo solidário com todos aqueles que, esfomeados e rotos, reclamavam auxílio, viesse ele donde viesse.

Logo a grande América e a sua fiel aliada, a Grã-Bretanha, ergueram, indignadíssimas, as respectivas espadas já gastas de tantas batalhas e de tanto sangue, porque, como é sabido, tanto uma como a outra acorrem sempre às primeiras linhas de defesa dos oprimidos e dos explorados, dos pobres e dos desesperados, de todos, enfim, cujos direitos humanos outras forças espezinham e negam. E, assim, marcharam sobre a fronteira turco-iraquiana para estabelecerem-se em pontos que consideram favoráveis para operações de ajuda aos pobres curdos e para tornar impossível aos iraquianos fazerem-lhes as maldades que o mundo, horrorizado, tem ouvido descrever.

Louvados para sempre sejam, portanto, os governos americano e britânico que a si chamaram tão humanitárias tarefas! Louvados, sim, porque não queremos acreditar que a sua intervenção tivesse tido outros objectivos. Ergueram a bandeira do mais franco sentido humano em relação aos curdos, tal como o haviam feito, meses atrás, correndo em auxílio do emir do Kuwait, um verdadeiro e velho amigo.

## II

O império Hanson é um dos mais poderosos conglomerados do mundo económico-financeiro dos nossos dias.

Dizem-nos que só em depósitos à ordem nos Bancos, possui mais de 7 biliões de libras e os seus investimentos em indústrias e companhias de todos os tipos ascendem a múltiplos biliões, tanto na Grã-Bretanha como nos Estados Unidos.

Recentemente, o império Hanson adquiriu um substancial e estratégico bloco de acções da ICI (Imperial Chemical Industries: lucros nos primeiros 6 meses deste ano, £507 milhões) a maior empresa britânica do sector químico, o navio-almirante, por assim dizer, da indústria transformadora deste país. Claro que o grupo Hanson colocou-se em posição de vir a comprar a ICI que certos técnicos consideram, como se diz moderadamente, ineficiente. Já sabemos que o Lord Hanson não fabrica coisa alguma, não dispõe de tempo ou paciência para trabalhos de tão pouca monta. Adquire companhias, indústrias inteiras, manda que sejam reestruturadas, tornadas eficientes, vende-lhes os valores activos mais sedutores e realiza lucros monumentais. Mas, em certos aspectos, eles é que sabem como se trabalha, os negócios revelam desequilíbrios difíceis de compreender. Por exemplo: segundo toda a imprensa britânica noticiou, umas das companhias «Hanson» declarando vendas de £249.000 apenas, apresentou prejuízos de £262 milhões — isto, depois de haver recebido créditos de £716 milhões — mas, o mais extraordinário é que o balanço da referida companhia mostra que o seu activo ascende a £2,530 biliões de libras enquanto que o seu capital — pasme-se! — não passa de duas simples librecas. No entanto, essa companhia controla 19 subsidiárias panamianas. Como é que se aprendem estas técnicas? A experiência é quase tão velha como o tempo.

## III

O trânsito nas áreas de Chelsea e Knightsbridge, no coração da Londres milionária, é sempre sólido, impenetrável e extremamente lento ao princípio da tarde, que é quando as pessoas, terminados os fartos almoços, vão às compras aos armazéns «Harrods» ou «Harvey Nichols», o que há de melhor e mais sumptuoso não só em Inglaterra como em todo o mundo. Eis porque o curdo Abdul Karim Meho, 33 anos de idade, desistente de estudos de Direito e, actualmente, desempregado, encontrava dificuldades em movimentar o seu carro e, ao que se disse, teria ligeiramente encostado o pára-choques à perna de certa dama que, com uma amiga, acabava de sair do restaurante.

A senhora atingida, Miss Pank, afastou-se ligeiramente para o passeio a fim de dar uma esfregadela na perna mas,

a amiga, que outra não era senão Lady Hanson, a esposa do grande Lord controlador de impérios, achou que devia dar uma palavrinha ao imprevidente condutor cujo carro mal tinha avançado alguns metros devido ao intenso trânsito que pretendia sair da Beauchamp Place. Então, o tráfego parou completamente. Gritava a Lady Hanson atirando-se à porta do carro do curdo: «Deixa estar que te hei-de fazer a cama! Por que não regressas à selva donde provens?» Entretanto, a Miss Pank, a perna aparentemente em boa ordem, surgiu gritando: «Esse filho daqui, filho dali, que se vá f... para lá para a selva donde veio!» O nosso curdo, ao que parece, não conseguiu conter-se e terá também dirigido, entre outros piropos, o de «sua vaca» à Lady Hanson. E tudo foi acabar no tribunal de magistrados de Horseferry Road que reuniu no dia 23 de Julho sob a presidência da Juíza Mrs. Mary Gifford, para ouvir as alegações de ambas as partes.

Perguntou a juíza ao curdo: «É verdade que o senhor chamou «sua vaca» à Lady Hanson?» Resposta do curdo: «Ela não tem direito de chamar-me os nomes que ouvi e, particularmente, o de mandar-me regressar à selva. Quem julga ela que eu sou?»

A juíza, então, voltou-se para a Lady Hanson. «Que nomes é que aquele senhor lhe chamou?» Ao que a grande dama da alta finança respondeu: «Posso declarar por escrito?» A juíza, atónita: «Por escrito? Não se envergonhe, minha senhora. O tribunal está habituado a todos os tipos de linguagem». «Mas não eu...» esclareceu, lacónica, a Lady Hanson. Então, a juíza condescendeu em permitir que a importante Lady escrevesse num papel os nomes que o curdo lhe chamara que eram os mesmos, aproximadamente, que as duas amigas haviam utilizado. E um dos magistrados perguntou ainda: «Não estaria a Lady Hanson embriagada?» Naturalmente que não. As grandes senhoras não bebem...

O tribunal, finalmente, absolveu o nosso curdo, Mr. Abdul Karim Meho, das acusações policiais de não haver parado a sua viatura logo após o «accidente» e de não ter participado a ocorrência na esquadra mais próxima, mas não quis considerar as trocas de palavrões de que tanto o Abdul como as duas milionárias se acusavam mutuamente. O imigrante curdo, entretanto, não se sentindo satisfeito, declarou aos jornalistas à porta do tribunal: «Agora, quem vai processá-la sou eu. Não vim da selva. Vim do Curdistão. Sou curdo e sinto orgulho nisso. Hei-de ensinar-lhe uma lição!»

Conclusão: quanto a nós, a lição ficou bem patente e dirige-se, sem dúvida, à consciência de todo o povo curdo: com amigos deste calibre precisarão os curdos de inimigos?





# Estórias alentejanas

■ Miguel Urbano Rodrigues

## O Verão quente na Margem Esquerda

O lisboeta e o portuense que se queixam das altas temperaturas deste Verão têm dificuldade em imaginar como se vive sob o calor tórrido da Margem Esquerda do Guadiana. Em Moura (em média dois graus acima de Beja) a temperatura tem ultrapassado os 40 quase diariamente desde o início de Julho. «Um disparate!» — dizem os mourenses.

Trabalha-se e não se perde a alegria. Mas toda a organização da vida mudou. As noites substituem os dias na vida colectiva. São eles que abrem espaço e atmosfera ao convívio dos moradores. Depois do sol desaparecer o povo inunda as ruas. Moura ganha então a fisionomia de uma cidade andaluzia. Somente na Praça e na área do Jardim as esplanadas são sete e não é possível encontrar nelas uma cadeira desocupada antes da meia-noite.

É a hora das boas conversas em torno dos grandes problemas da vida e dos pequenos factos do quotidiano. O calor sufocante contribui para que certas situações absurdas se desenvolvam de modo a conferir a Moura um ambiente que faz lembrar o da muito famosa Asa Branca, na novela brasileira Roque Santeiro (não falta já na cidade uma gigante discoteca, a «Sherazade», de atmosfera oriental-alentejana...).

Um seareiro da Herdade dos Machados, velho amigo, falou-me demoradamente numa destas noites quentes de coisas do arco da velha que estão a acontecer com a venda do trigo.

«O Governo — assim começou — cria os casos e desculpa-se depois com a CEE em explicações embrulhadas. Imagina que o trigo, que ainda no ano passado nos foi pago a 68 escudos, veio por aí abaixo em trambolhão não anunciado. Quando chegámos aos silos da antiga EPAC com as primeiras carradas logo começaram com uma conversa fiada sobre a qualidade, a calibragem, a densidade e não sei que mais. Uma embrulhada dos diabos. O certo é que o trigo igual ao de 90 vale agora apenas 39,5 escudos, mais um subsídio pequeno. No todo pagam apenas 51 escudos. Um prejuízo danado para nós. Na altura própria ninguém nos disse que tipo de trigo deveríamos semear. Nada disso, ficaram-mudos. Mas agora trouxeram para aí uma maquina para avaliarem o trigo, dizem eles, mas na prática para roubar ao produtor. A EPAC desapareceu, como sabes, e o que resta chama-se INGA e paga estes preços de miséria. E como se não bastasse tanto desrespeito, só está a receber trigo rijo. Do mole já não querem. O resultado está à vista: uma desordem de espanto, filas enormes, indignação dos agricultores. E os particulares a aproveitarem, a comprarem cada vez mais trigo».

O meu amigo seareiro soltou um palavrão e concluiu: «Claro que a RTP não vem filmar estas cenas. Mas quando aparecer por aí algum ministro, depois dos calores abrandarem, vai dizer que o povo da Margem Esquerda está grato pela política agrícola do Governo. O costume...»



## Espanhóis na piscina de Moura

Foram os primeiros a chegar. Faltavam poucos minutos para as dez, mas o sol já escaldava.

Eram uns vinte (apenas a primeira vaga) e irromperam piscina adentro, com familiaridade, logo que os portões foram abertos.

Os espanhóis das vilas andaluzas e estremenhas da fronteira tornam-se no Verão parte da paisagem de Moura e Serpa. Chegam para fazer compras e sobretudo em busca das piscinas olímpicas da região, oásis de frescura e espaços de convívio e lazer inexistentes do outro lado da raia alentejana. A maioria não pertence às camadas sociais abastadas. São gente comum: comerciantes, pequenos funcionários dos escalões inferiores da administração, agricultores, empregados. Gosto de falar com eles.

No último sábado, em Moura, encontrei um professor do ensino básico. É de Villanueva del Fresno, mas reside e trabalha num *pueblo* de Fregenal de la Sierra. Por ser natural da cidade em cujo termo a Pide assassinou o general Humberto Delgado, a conversa não tardou a girar em torno dos dois fascismos, o nosso e o espanhol, da sua natureza e heranças. O que em mim deixou, porém, lembrança mais forte foi o diálogo suscitado por um livro que ele anotava cuidadosamente quando principiámos a falar: «Monseñor Quijote», de Graham Greene.

É uma novela que não toca apenas os cervantinos. Um tímido padre manchego, vai de viagem com um amigo por Castela acima, sem rumo. Guiando a monsenhor pelo Papa, o padre descende de D. Quixote e a sua paróquia é a aldeia del Toboso, terra lendária da não menos mística lavadeira que o cavaleiro da Triste Figura transmutou na sua muito amada Dulcinea.

Não subimos, porém, na piscina de Moura, a Cervantes e ao seu livro eterno. Ficámos no modesto cura e no escritor que o inventou, talvez por estarmos no Alentejo, parente da Mancha quinhentista. Porque o monsenhor, como o novelista, acredita nos homens e respeita a ideia de Revolução apesar de a temer, abomina a prepotência, a duplicidade e o egoísmo, e a fraternidade e o amor são para ele paixão.

Falámos da morte de Greene, da sua amizade com Fidel e Torrijos, da sua admiração por Ho Chi Minh, da energia, da coragem com que esse grande católico atormentado condenou sempre o imperialismo, iluminando-lhe o ventre podre e a ambição amoral.

Do «Monseñor Quijote» pulámos para Cavaco Silva. «Entre o cura de Greene e o vosso primeiro-ministro — desabafou o professor de Villanueva — não hesito. O meu respeito vai para o padre. O governante só me inspira desamor. No padre não é a motivação da fé que me fascina, mas a capacidade de sacrifício, a fome de justiça e a revolta contra a hipocrisia a



desembocarem numa solidariedade quente para com os que dela precisam.»

Eu pouco falei. Ouvia. «Já o vosso primeiro-ministro fala como se fora Luís XIV, mas é um mau imitador do modelo. Sabe, afligem-me os demagogos deste tipo. Podem obter êxito, mas a História acaba sempre ajustando contas com eles, porque os reduz depois à sua dimensão real, que é pequena, marcada por um conceito mesquinho do humano. Li alguns discursos dele e acompanhei pela televisão outros, dos seus ministros. Fazem-me pensar em personagens do vosso Eça de Queiroz. Muitos são atualizações caricaturais, mas creio que adequadas ao senhor real do Poder. Pergunto-me que efeito produz este novo estilo dos governantes portugueses, cheio de empostação, mecanizado, solene e, espero que não leve a mal, ridículo.»

Eu limitei-me a explicar que não levava a mal, que perfilhava o esboço. Acrescentei que não me sentia, quanto ao efeito, em condições de dar uma resposta global. Assondagens encomendadas que por aí andam são uma fonte de caudalosa confusão e não sou especialista em psicologia social. Mas no tocante ao Distrito de Beja, e particularmente à Margem Esquerda do Guadiana, adiantava a opinião de que a oratória do Primeiro-Ministro não estava a conquistar as populações. Fiz uma sugestão: «entre numa taberna em dia de discurso dele e ouça o que em bom vernáculo dizem os trabalhadores alentejanos do orador e da sua política...»

Uma família espanhola (das que traziam farto farnel para um almoço tranquilo no grande relvado da mata sobranceiro à piscina) acompanhou com alguma atenção a conversa com o professor. Quando ela esmoreceu, a mais vistosa das senhoras deu opinião: «Ouvi o que vocês estiveram a dizer. Entendi mal as filosofias do tal cura de uma cidade que afinal não existe. Só lhe posso dizer que não queria esse monsenhor na paróquia do meu *pueblo*.»

Ficámos mudos. Foi então que o marido, temendo que o silêncio fosse expressão de alguma mágoa nossa, ensaiou um sorriso e mudou a conversa, empurrando-a para terreno onde se sentia à vontade:

«De livros nunca entendi, nem vou já entender. Mas de agricultura sim, posso falar. E quero-lhe dizer que me espanta ver em Portugal (já visitei Lisboa) tanta quantidade e variedade de frutas estranhas. São laranjas do Brasil e da minha terra, uvas do Chile, maçãs da África do Sul e de Israel. Tudo frutas que vocês produzem por aqui e boas. Até Junho, os melões ainda eram espanhóis. Santo Deus! Como é possível? Será que o governo de vocês quer mesmo acabar com a agricultura em Portugal? E que pensa o povo dessa política louca?»

## A Reforma Agrária ontem e hoje

Em terras de Beja têm-me perguntado com alguma frequência por que motivo a RTP e a RDP deixaram de fazer referências à Reforma Agrária.

«O silêncio é tão pesado que até parece que ela nunca existiu!» — ouvi em Moura de um velho amigo.

Não me parece um silêncio inteligente. Os media controlados pelo Governo pretendem talvez apagar a Reforma Agrária da memória das populações, convictos de que a legislação aprovada na Assembleia da República teve o significado e o peso de um requiem.

Estão enganados. Em primeiro lugar a ofensiva do Governo não destruiu pela raiz as estruturas sociais e económicas criadas pela Reforma Agrária. No Alentejo e no Sul do Ribatejo sobreviveram algumas dezenas de cooperativas. Com bens próprios e herdades adquiridas ou alugadas, muitas delas tornaram-se empresas juridicamente intocáveis, fora da alçada do Executivo.

Por outro lado a Reforma Agrária não pode ser apagada da consciência social. Por muito que isso incomode Cavaco e Silva, o lado não visível da sua herança continua a manifestar-se de muitas maneiras, sobretudo no Alentejo.

Muitos dos participantes — talvez a maioria — da arrancada que levou à formação de mais de meio milhão de cooperativas agrícolas estão hoje reformados. Conheço centenas e unem-me laços de amizade a largas dezenas. Quando nos encontramos, o tema da Reforma Agrária é obrigatório. Vem com naturalidade à conversa, mormente nestas vésperas de campanha eleitoral; nunca o evito.

Essa gente é parte de uma geração que bem merece o qualificativo de heróica. Trabalhadores sem terra, assumiram, como proletariado rural, na aceção marxista da expressão, uma tarefa (e um desafio) de desdobramentos então imprevisíveis, resultante da própria dinâmica da luta de classes no contexto revolucionário posterior ao 25 de Abril.

No eterno esforço para reinterpretar a história ao sabor do circunstancial, proliferam hoje teses que pretendem negar o carácter profundamente democrático da Reforma Agrária.

É oportuno recordar que trabalhos apresentados em universidades da Europa e da América por eminentes espe-

cialistas estrangeiros (de diferentes posições ideológicas) alertam para o facto de que a simples existência do latifúndio em amplas áreas do sul constituía em si mesma um obstáculo intransponível ao desenvolvimento de relações económicas e sociais de carácter democrático.

A Reforma Agrária foi empreendida pelos trabalhadores que dela foram o sujeito e a alavanca, decidindo das formas de organização e do destino das terras ocupadas, antecipando-se ao poder. São, portanto, inconscientes os argumentos dos que lhe negam o carácter democrático. Ela foi uma das raríssimas Reformas Agrárias impostas de baixo para cima, por decisão colectiva, intensamente participada, sem interferências do Estado na sua fase inicial.

Perante uma relação de forças desfavorável, a geração que a levou adiante soube defendê-la durante década e meia, mas não esteve nem podia estar em condições de impedir a reconstituição do latifúndio.

A marcha do criminoso — é a palavra — processo de restauração da grande propriedade fundiária e a consequente e gradual destruição de centenas de cooperativas com a sua escalada de ilegalidades ficaram, como era inevitável, assinaladas por choques, desvios e desacertos administrativos em muitas UCPs. No clima de guerra interna desencadeada pelo poder, muita coisa não correspondeu ao projecto, mesmo no terreno ético. Mas comportamentos individuais negativos, erros de quadros, má gestão aqui e ali, e conflitos pessoais ligados à partilha dos bens de cooperativas destruídas não permitem a conclusão de que o mal vinha da concepção da Reforma Agrária. É verdade que sobraram ressentimentos. Mas creio que nunca uma Reforma Agrária gerou tão poucos conflitos entre trabalhadores. Foram acidentes de percurso que não põem em causa a grandeza do projecto, ferozmente golpeado, adiado, mas não esquecido.

Ao cavaquear com amigos nas aldeias da minha região e recordarmos juntos episódios da arrancada do ano 75 e do que se fez nos anos posteriores, mais e mais se aprofunda a minha convicção de que aquela gente se tornou personagem de uma saga que governo algum, com ou sem Cavaco, conseguirá apagar da História. Um dia, inevitavelmente, o latifúndio será erradicado da terra alentejana, para sempre, e os descendentes dos construtores da primeira Reforma Agrária retomarão a terra e os ideais humanistas pelos quais esses trabalhadores revolucionários tão exemplarmente souberam lutar. Então, o que se apresentará como absurdo e ridículo serão os actuais anatemas da direita contra a Reforma Agrária.

# O Turismo no Algarve

Desde há alguns meses que está instalada alguma polémica sobre os resultados do ano turístico em curso.

Esgrimem-se números, interpretam-se estatísticas, sustentam-se argumentos, de sentido inverso, a partir dos mesmos dados. Há mesmo quem tenha andado a certa altura preocupado com o facto de ao aumento de turistas entrados no aeroporto de Faro não corresponderem, em igual proporção, a presença dos mesmos nas ruas, nos restaurantes e nos bares. Chegou mesmo a pensar-se em recrutar investigadores especializados para fazerem luz sobre tão inquietante mistério.

Avançam-se opiniões e outras tantas teses. A polémica está instalada. Será que se está na presença de um problema novo, ou temos pela frente o reflexo de questões estruturais que desde há muito estão presentes na actividade turística do Algarve?

## O excessivo e desordenado crescimento

Desde há alguns anos que temos vindo a chamar a atenção e a propor medidas, para enfrentar alguns dos importantes problemas, de ordem estrutural, que atravessam a actividade turística na região. Problemas que se relacionam com a forma como a mesma está organizada, com os níveis de crescimento no imobiliário turístico, com os desequilíbrios nos tipos de oferta, com a concentração excessiva da mesma num número reduzido de concelhos, com a qualidade da oferta nos vários segmentos, com a promoção, com as infra-estruturas (rede viária, saneamento, transportes).

São problemas de fundo que não se resolvem com medidas pontuais. Exigem, pelo contrário, e nesse sentido temos insistido, respostas globais que passam por questionar toda a política (ou a sua ausência) para este importante sector da actividade económica.

O Algarve dispõe hoje de cerca de 230 000 camas reenseadas para a actividade turística. Muitas mais haverá sem qualquer registo. Destas, 25 000 estão na hotelaria clássica, 50 000 em aldeamentos turísticos; 40 000 em apartamentos e 115 000 em apartamentos turísticos diversos. Tudo isto num total de 500 unidades. No curto espaço de 8 anos passou-se de 80 000 para 230 000 camas. Conhecem-se projectos para construir a curto prazo mais 80 000.

Como se pode verificar, o imobiliário turístico representa cerca de 50% da oferta disponível, cabendo à hotelaria clássica pouco mais de 10%.

O contínuo e desordenado crescimento que se tem vindo a verificar, arrastou atitude semelhante noutras actividades co-relacionadas com a actividade turística e sobretudo, é bom sublinhar, resultante de tal crescimento se ter produzido, em grande medida, no imobiliário turístico.

Assim, no mesmo período, passou-se de 50 para 310 escritórios dedicados à compra e venda de propriedades. De 210 para 620 empresas de construção civil. De 36 para 83 agências de viagem. De 3500 estabelecimentos similares de hotelaria (restaurantes, bares, etc.) para 13 000. De 130 barracas de apoio de praia para cerca de 600. De 6500 carros de aluguer sem condutor para 17 000.

Perante tal realidade importa considerar se é nesta direcção e a este ritmo que se pode organizar, planear tão importante actividade por muito mais tempo. Isto é, se é no crescimento desordenado do imobiliário turístico que a oferta de alojamento pode continuar a subir. Até que ponto o Algarve, como principal destino turístico do País comporta, sem graves consequências, a expansão de um tipo de oferta que vai conduzir inevitavelmente à sua desvalorização, tornando-a menos competitiva em todos os segmentos da actividade. Ou ainda, se os níveis de aumentos dos fluxos turísticos dão para tudo o que está instalado.

## Aumento de turistas não significa só por si aumento de receitas

O ano de 1991 vai saldar-se por um significativo aumento dos contingentes turísticos que escolheram o Algarve para as suas férias. Até finais do mês de Junho tinham entrado no aeroporto de Faro cerca de 122 000 turistas a mais que em igual período do ano passado, representando um acréscimo de 25%. As estimativas que se conhecem apontam para uma taxa de crescimento global, até final da época, de cerca de 28%. O Algarve poderá facturar este ano perto de 300 milhões de contos.

Os números são importantes mas valem o que valem. Só por si não reflectem toda a realidade.

Em primeiro lugar, o Algarve beneficiou este ano de um crescimento da procura por causas e condicionalismos externos desligados, portanto, do efeito de medidas ou novas condições aqui criadas.

A guerra do Golfo afectou boa parte dos mercados do Mediterrâneo e Norte de África, situação à qual se veio

somar a crise interna da Jugoslávia e a falta de segurança que permanece no mercado espanhol. Foram factores de peso que influenciaram decisivamente o crescimento da procura.

Tais resultados não permitem que se embandeire em arco, num julgamento apressado, a partir de benefícios que têm causas meramente conjunturais.

Por outro lado, ao aumento do fluxo de turistas não corresponde um aumento das receitas na mesma proporção. O ano passado as receitas obtidas foram na ordem dos 250 milhões de contos. Este ano, como apontam as previsões, não vão além dos 300 milhões. Ou seja, a um aumento de 28% dos fluxos turísticos corresponderá, na melhor das hipóteses, um aumento de 20% nas receitas.

Isto quer dizer, pelo menos, que o Algarve se continua a vender de uma forma desvalorizada e a atrair, em níveis excessivos, um tipo de turistas de menores recursos. Para tal concorre sem dúvida a desorganização em que se encontra o sector, o peso excessivo do imobiliário turístico, assente numa oferta desvalorizada, baseada fundamentalmente no alojamento, a atrair correntes que durante a sua estadia fazem o mesmo circuito de abastecimento e consumo da população residente.

É provável que seja este um dos caminhos para resolver o inquietante mistério dos turistas que não se deixam ver.

## A defesa dos recursos e a qualidade da oferta

O Algarve, como principal destino turístico do País, tem de concorrer, cada vez mais, num mercado extremamente competitivo representado por todo o Sul da Europa, pelo Norte de África e outros destinos exóticos que começam a ganhar terreno.

Só na bacia do Mediterrâneo estão instaladas cerca de 14 milhões de camas em mais de 100 destinos diferentes.



**CARLOS LUÍS FIGUEIRA**  
Membro da Comissão  
Executiva Nacional do CC

Construir uma oferta diferenciada e de qualidade obriga a que se defina até onde o Algarve pode crescer

Em muitos destes países cometeram-se os mesmos erros de crescimento que estão a ser praticados no Algarve. Não temos qualquer possibilidade de concorrer nesse mercado a oferecer o mesmo tipo de produto. Para além do mais, as 230 000 camas que o Algarve dispõe, representando o que representam ao nosso nível, diluem-se na vastidão do mercado em que temos de concorrer.

Temos de contar ainda com o facto de se terem vindo a processar importantes fusões entre as principais empresas de promoção turística no exterior, concentrando-se hoje em meia dúzia aquelas que operam para o Algarve e de facto por onde passa muito da capacidade de decisão para o encaminhamento e escolha dos roteiros turísticos.

Não se pode nesta situação continuar a actuar isoladamente, sem políticas definidas, sem coordenação e a partir de uma oferta dispersa e desorganizada.

Assim, ou criamos uma oferta diferenciada e de qualidade, em todos os segmentos da actividade, ou não há causas externas que possam valer-nos para resolver os problemas que podemos ter a curto prazo.

Construir uma oferta diferenciada e de qualidade, obriga a que se defina até onde o Algarve pode crescer, sem comprometer recursos naturais indispensáveis à própria actividade turística. Significa que se têm de tomar medidas para travar o excessivo crescimento em áreas que, como já se viu, estão saturadas. Significa reequilibrar toda a oferta de alojamento dando prioridade à proveniente da hotelaria clássica.

Construir uma oferta diferenciada e de qualidade significa defender e valorizar os recursos naturais (paisagísticos, ambientais, culturais) para além do mar que temos (ainda o menos poluído da Europa), do sol e da beleza das praias que temos. Significa investir na formação profissional e na valorização do papel que desempenha os trabalhadores do sector.

Construir uma oferta diferenciada e de qualidade, significa criar mecanismos de articulação de toda a actividade do sector de forma a que a promoção e a animação que se tem de fazer correspondam exactamente a um investimento que tem de ser reprodutivo nos resultados da actividade do sector. Significa mais descentralização de poderes e de iniciativas para as regiões de turismo.

Construir uma oferta diferenciada e de qualidade, significa assumir a consciência de que a época da galinha dos ovos de ouro está a acabar. Que este, como qualquer outro sector, tem de ter regras que não passem por pretender ganhar dinheiro fácil e rápido. Significa que não se podem descapitalizar empresas, não fazer ao longo de anos qualquer tipo de investimento, deixar degradar equipamentos para depois vir reivindicar subsídios à custa do erário público.

Construir uma oferta diferenciada e de qualidade, significa caminhar rapidamente para a elaboração de um Plano Regional de Turismo que defina com clareza uma política para o sector. Significa, sem dúvida, por todas as razões, caminhar para a instituição em concreto da Região Administrativa do Algarve.

# De Hiroshima a Bagdad (2)

## Os mortos permanecem esquecidos

■ José Casanova

A 16.1.91 foi iniciado o maior bombardeamento convencional da História. Mais de 100 000 pessoas foram mortas. O Iraque foi arrasado e o Kuwait foi «exaustivamente libertado» dentro da velha tradição norte-americana. A decisão de fazer a guerra foi tomada pelo presidente Bush e um reduzido número de conselheiros.

Múltiplos factos demonstram que a guerra era evitável e que Bush repeliu liminarmente as vastas possibilidades de resolução do problema.

A memória de Hiroshima percorreu amiúde todo este processo. Recordar-se os «três dilemas éticos» colocados pela *Time*: «É necessário assassinar S. Hussein?; é necessário intensificar os bombardeamentos?; é necessário utilizar uma bomba nuclear contra o Iraque?» Recordar-se ainda aquele patriota incendiado que perguntava, respondendo, ao Sec. de Estado R. Cheney: «Não será necessário utilizar armas nucleares tácticas para salvar um número significativo de vidas americanas em perigo?» — pergunta terrível se se tiver em conta que quando alguém diz que há vidas americanas em perigo é certo e sabido que milhares de vidas não americanas estão automaticamente ameaçadas.

Desta vez, o presidente dos EUA não teve necessidade de nos dizer quantas vidas americanas foram salvas pelas bombas que mataram mais de 100 mil pessoas. É que desta guerra nasceu, como os EU queriam, uma «nova ordem internacional» da qual Bush reivindica, justamente, a paternidade. Uma nova ordem que coloca nas mãos do governo dos EU poderes e «legitimidades» para fazer o que quiser, quando e onde quiser.

Antes, durante e depois do massacre do Golfo, o Governo dos EU distribuiu abundante «informação»: sobre a justiça absoluta da guerra; sobre as responsabilidades exclusivas de S. Hussein; sobre o carácter humanitário dos bombardeamentos (que tinham a particularidade não de matar mas de salvar vidas). Estas mensagens foram repetidas até à exaustão pela generalidade da Comunicação Social que viria a afirmar-se como «arma suplementar do exército dos EUA».

O *New York Times* de 16.1 resumia lapidariamente a «verdade» de Bush: «a mensagem dos bombardeamentos e dos mísseis americanos é uma mensagem justa ao serviço de honrosos objectivos». O quarto poder perfilou-se perante o primeiro, ajoelhou-se-lhe aos pés, lambuzou-lhe as mãos de saliva, vestiu camuflado e entrou na guerra. Tem, por isso, enormes responsabilidades nos crimes e nos sofrimentos gerados por esta guerra.

Em França procedeu-se a um amplo debate em torno da participação da c. social no embuste. Várias obras foram publicadas e discutidas. Esse debate não teve praticamente eco em Portugal: esbarrou e desfez-se no muro da auto-satisfação ostentada por detrás do qual se esconde certa comunicação social. À maior parte da comunicação social portuguesa continua a ajustar-se como uma luva a declaração de Martin Fitzwater, porta-voz da Casa Branca, após o termo da guerra: «o presidente acha que a cobertura mediática desta guerra foi extraordinária».

Leia-se o balanço feito por ocasião do 1º aniversário da ocupação do Kuwait pelo Iraque, acontecimento que continua a ser apresentado como causa e início da guerra: os vários comentadores continuam a dizer-nos que «a comunidade internacional soube unir-se para salvar um povo da opressão de outro povo»; que a «nova ordem» avança a todo o vapor e os problemas da região estão em vias de resolução; que o facto de estados árabes e Israel estarem prestes a sentar-se à mesma mesa confirma «a legitimidade histórica da intervenção aliada no Golfo»: (Há apenas o pequeno pormenor da «incógnita palestina e do problema da representação da OLP» nas conversações mas... quem é que mandou a OLP ter não só opinião própria mas ainda por cima não coincidente com a de Bush?). O balanço aborda de passagem o papel da c. social, lamentando «a precariedade do contrapoder da informação para penetrar no teatro real dos conflitos e evitar a manipulação pelos comandos militares e políticos». O lamento, constituindo uma curiosa novidade, não deixa de ser um ginástico eufemismo.

Nesse balanço exaustivo da guerra ninguém fala, todavia, de mortos. Dir-se-ia que os comentadores, à força de tanto falarem em guerra «limpa», «cirúrgica», «sem mortos», se convenceram eles próprios do que escreviam.

Rectifico-me: um comentador explica que «um número ainda desconhecido de homens e mulheres, civis militares, morreu na guerra do Golfo para que o bem triunfasse sobre o mal».

Trata-se, penso, de prosa humorística.

No que toca ao número de mortos, qualquer cidadão medianamente informado sabe que mais de 100 mil e talvez 150 mil pessoas, civis na esmagadora maioria, foram mortas pelas cirúrgicas e libertadoras bombas dos EU e dos aliados. De qualquer modo a informação aqui fica e cumprirá o seu papel se contribuir para que os mortos desta guerra não continuem a permanecer esquecidos.

### «Netos» de Truman, «filhos» de Bush

Um dia destes, o cidadão norte-americano Jeffrey Dahmer foi preso por ter assassinado e esquartejado pelo menos 17 pessoas. O sádico assassino é-nos descrito pelos seus vizinhos como «amável, respeitoso, educado e amigável». Admitindo que o autor da carnificina possa parecer tudo isso não há dúvida que ele há-de ser alguma coisa mais do que isso e que os vizinhos viram apenas a aparência que ocultava a verdadeira realidade do carneiro. Estes «assassínios em série são muito comuns nos EUA» e não é possível desligá-los de um sistema assente na arrogância face aos outros povos do mundo, na exploração selvagem, na lei da força, na divisão dos cidadãos em «ganhadores» e «perdedores», na exaltação dos vencedores e na humilhação dos vencidos, na glorificação da violência, da hipocrisia e da falsa moral e na sua avalização como caminhos legítimos para o «sucesso». Esse sistema que Truman e Bush simbolizam exemplarmente. Jeffrey Dahmer será provavelmente condenado à morte.

É possível que a sua execução seja transmitida em directo pela televisão. Ganham actualidade as palavras que Chaplin coloca na boca de «Monsieur Verdoux»: «Se matamos uma pessoa, somos assassinos, se matamos um milhão de pessoas, celebram-nos como heróis». De facto é difícil a J. Dahmer provar que matou por uma causa justa, que os mortos que provocou «salvaram um número significativo de vidas americanas». A não ser que o facto de as suas vítimas

serem «homossexuais, negros, hispânicos e asiáticos» possa vir a dar outra visão das coisas...

Mas a carnificina deixou a América em «estado de choque». As centenas de milhar de pessoas que festejaram o assassinato de mais de 100 mil árabes — participando nas imponentes paradas de celebração dos feitos heróicos dos «soldados de Cristo», dos «combatentes da liberdade» na Guerra do Golfo — ficaram horrorizadas ao verem na TV os corpos esquartejados das vítimas de J. Dahmer.

E, francamente, mesmo tendo em conta o previsível impacto dessas imagens, não posso deixar de confessar a minha surpresa perante esta capacidade, esta disponibilidade para se horrorizar, existente em pessoas que vivem num país onde: os «assassínios em série são muito comuns»; a TV mostra 12 actos de violência por hora; cada jovem, aos 18 anos, já viu na TV 32 000 assassinatos; há mais de 20 000 homicídios anuais; o Supremo Tribunal considera constitucional executar menores e atrasados mentais; as balas das automáticas AK-47 matam frequentemente crianças nas ruas; um candidato a governador aparece na TV, em campanha eleitoral, passeando no meio de fotografias gigantes dos condenados executados durante o seu mandato; um segundo candidato se vangloria de ter «assinado 90 decretos de execução»; um terceiro, tendo como pano de fundo a porta da câmara de gás, anuncia que enviou «42 criminosos para o corredor da morte»; a vitória eleitoral do actual presidente se ficou a dever a um discurso repressivo, de glorificação da violência e de defesa acalorada da pena de morte; o presidente, enquanto foi chefe da CIA, se notabilizou por dar carta branca aos profissionais da conspiração e do crime; o presidente «raras vezes lê um livro e todos os dias nega a existência de problemas na sociedade americana».

Há tempos, um professor de Sociologia de uma universidade americana observava: «o nosso tipo de capitalismo é selvaticamente destruidor, fundado no lucro imediato e na negação das responsabilidades cívicas». Eis um bom ponto de partida para se tentar compreender alguns dos vários tipos de situações que este texto aborda.



## PONTOS CARDEAIS

## Gazetilha

## A chantagem

Na televisão privada  
quais serão os três patrões?  
Governo, boca fechada:  
só depois das eleições...

Diz que é caso complicado  
para tomar decisões.  
Conclusão mais acertada  
só depois das eleições...

Alimenta-se a miragem  
para engordar a chantagem  
às várias opiniões:

- Ó vizinho! Ó vizinha!  
Queres uma estaçãozinha?  
Então olha as eleições...

O sorriso  
de plástico

Hectare por hectare  
o país a arder.  
Governo a palrar  
pra se TVer...

Só palavreado  
leva na canastra  
mesmo ao lado  
o fogo alastra...

Cavaco, esse  
joli rapaz,  
feliz parece  
no seu cartaz...

Falta de siso!  
Arma suspensa!  
É um sorriso?  
É uma ofensa?

Ri, consolado,  
para TVer.  
E ali ao lado  
o país a arder...

Máquina  
de escândalos

Decerto ouviste contar  
daquele escândalo que...  
O melhor é a gente falar  
Do outro escândalo, porque...

Pior é o que anda no ar.  
E o outro? Aquele que lhe?  
Não é esse! É o que se...

Não, o melhor é acabar.  
Pois se calhar, quando eu  
chegar ao fim destas flores  
outro escândalo se deu  
pior que os anteriores...

## Tempestade

O polvo seus tentáculos avança.  
Já faz Cavaco funcionar a broca.  
Com grande turbulência sai da toca  
a face feia e fria da Finança.

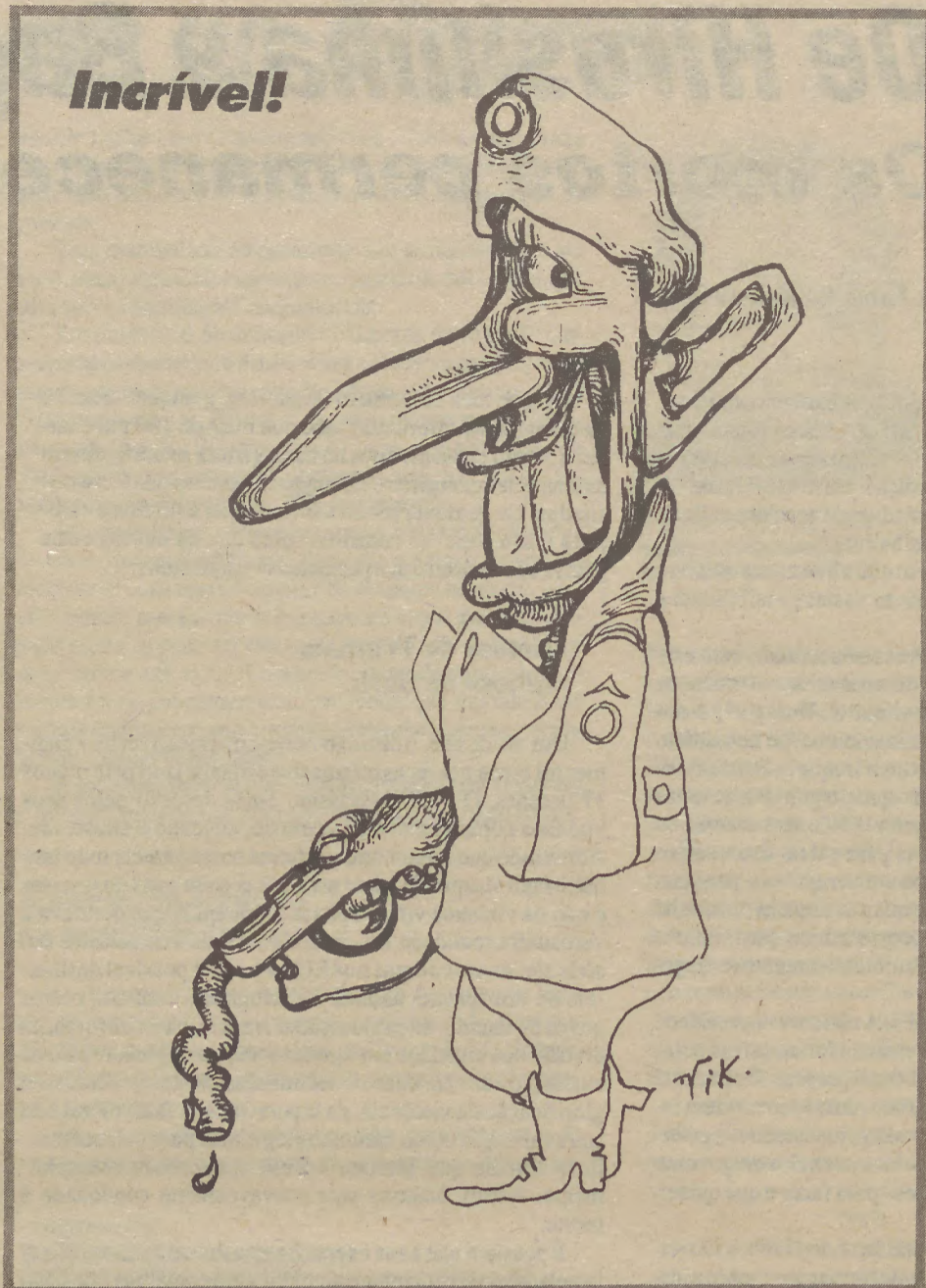
Quem, descuidado mesmo, a rede lança  
Com os antigos tubarões se choca.  
Diz um Grupo para o outro: «Tens prá troca?»  
Mais uma lebre aos galgos: a Bonança...

Chovem acusações e suspeições.  
Que pena! E eram tudo bons irmãos  
votavam-se, ajudavam-se... Quem há-de

estar seguro um pouco do seu bem  
se os ventos de Cavaco sempre vêm  
não da bonança, mas da tempestade?

■ IGNOTUS SUM

Incrível!



## Humildades

Falcão e Cunha, secretário-geral do PSD, afirmou em entrevista ao Semanário do passado dia 10, que o partido do Governo não vai fazer uma campanha «rica».

Garantiu, isso sim, que a campanha do PSD «será de certeza uma campanha alegre, colorida mas feita com toda a humildade». O sublinhado, naturalmente, é nosso. Para começar, quem quiser pode apreciar desde já os humildes painéis que mostram ao país - constam que são umas três centenas - o sorriso de Cavaco Silva com a «democracia de sucesso». Apesar de Falcão e Cunha se rir das estimativas de alguns números, ninguém duvida que custaram muitos humildes milhares de contos.

## À boleia

Primeiro foi na televisão, com o burburinho que se

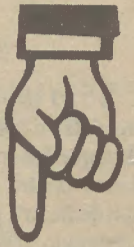
sabe; agora foi na própria revista «Sábado». Não há dúvida que Joaquim Letria e Cavaco Silva estão cada vez mais unhas com carne. Sim, porque Cavaco não teve tempo de contar todas as suas histórias naquele arranjinho televisivo, pelo que estava mesmo a precisar de um fim-de-semana com uma equipa de jornalistas que o mostrasse a pagar a portagem na Ponte, a fazer festas à Xica (o papagaio trazido de S. Tomé), publicidade ao carro que quer vender, falar da sua admiração por McGyver) de quem diz ter as qualidades de que um político precisa), inaugurar um bairro social, passear de mão dada com a cara metade antes do almoço, etc., etc., etc.

Diz a «Sábado» que os seus jornalistas foram à boleia com o Primeiro-Ministro.

De facto andam à boleia uns dos outros.

## Subsídios

Diz «O Independente» na sua última edição que o ex-secretário de Estado das Pescas do actual Governo, Jorge Godinho, recebeu o mês passado cerca de cinco mil contos de subsídio de reintegração. O próprio confirma e não vê nisso nada de mal. Pudera! Acontece porém que o tal subsídio se destina a quem saia do Governo e fique sem emprego, o que não foi o caso de Jorge Godinho, que ainda antes de deixar as lides governativas já havia sido convidado para a administração da Portucel, por acaso uma empresa exclusivamente com capitais do Estado; o que, sem grande esforço, pode levar à conclusão de que nem Godinho chegou a estar desempregado, nem sequer chegou à abandonar o Estado. Isso não o impediu de arrecadar os tais cinco mil contos, ao que parece sem que ninguém, do MAP à Contabilidade Pública, ache o caso estranho.

frases  
da  
Semana

“Então, quantos buracos perderam?”

☞ Cavaco Silva em entrevista à «Sábado», a propósito do campo de golfe do Estoril

“Perdemos um buraco.”

☞ Resposta do secretário de Estado das Vias de Comunicação que, «em calções; estava a chegar para um joguinho matinal»

“Ele nunca é violento, não usa armas. É inteligente, metódico e decidido. Tem as qualidades de que um político precisa.”

☞ Cavaco Silva à «Sábado», falando de McGyver

“Morreram mais de dois trabalhadores por dia em sinistros laborais.”

☞ Dados da CGTP referentes a 1989, publicados no «Público» no dia seguinte ao acidente na Lisnave

“Na política, já cumpri a minha função. Estou agora na idade de ter um bom escritório de advogados.”

☞ Morais Leitão, fundador do CDS e ministro dos governos da AD, em entrevista ao «Expresso»

“A sua postura é típica da direita portuguesa e consiste em passar procuração a terceiros para fazerem política em seu nome.”

☞ Margarida Marante, no «Expresso», em entrevista com Morais Leitão

“Sou accionista na medida em que subscrevi na minha qualidade de “trabalhador”, que foi o máximo a que tinha direito. Ou seja, 660 acções ao preço de 3100 escudos.”

☞ Alexandre Vaz Pinto, presidente do BESCL, em entrevista ao «Semanário»

JOSÉ RICARDO

Romanceiro  
do Povo Miúdo

Memórias e confissões

COLLECÇÃO  
“RESISTÊNCIA”  
edições  
Avante!



# FESTA CONVÍVIO CDU

DIAS 16-17 DE AGOSTO

PRAIA DA MADALENA

(JUNTO AO PARQUE DE CAMPISMO)

JOGOS TRADICIONAIS  
COMES E BEBES  
DIVERSÕES

DIA 16 — ÀS 21,30 HORAS  
PARTICIPAÇÃO E INTERVENÇÃO DE

**CARLOS CARVALHAS**  
SECRETÁRIO-GERAL ADJUNTO DO PCP

E AINDA DOS CANDIDATOS CDU PELO CÍRCULO DO PORTO:  
**LUÍS SÁ E CARLOS MARQUES**

FADO  
MÚSICA AFRICANA  
MÚSICA POPULAR PORTUGUESA  
DISCOTECA E VÍDEO GIGANTE

CDU - COLIGAÇÃO DEMOCRÁTICA UNITÁRIA/PCP-PEV



ORGANIZAÇÃO DAS COMISSÕES CDU DA MADALENA E VALADARES

FESTA  
COMÍCIO

## PÓVOA DE VARZIM

17 AGOSTO - ESPLANADA CARVALHIDO

INÍCIO ÀS 16.30 H. COM O CONJUNTO MUSICAL

"OS LASER"

PARTICIPAÇÃO DE

**CARLOS CARVALHAS**

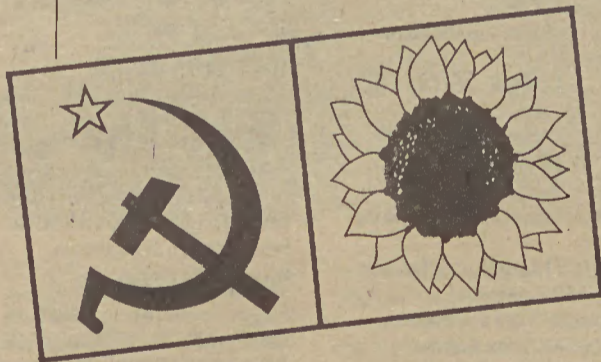
SECRETÁRIO - GERAL ADJUNTO DO PCP

**LUÍS SÁ E CARLOS MARQUES**

CANDIDATOS CDU PELO CÍRCULO DO PORTO

PARA UM PORTUGAL MELHOR!

ALMOÇO EM GUIDÕES COM CARLOS CARVALHAS  
JANTAR NO REST. "O CAMPINO" NA PÓVOA  
COM OS 3 CANDIDATOS



29 de Agosto  
a partir das 19h  
na Voz do Operário  
Lisboa

Convívio  
de representantes  
dos Trabalhadores

com Carlos Carvalhas

*Beberete*

Marcações (1000\$00):  
nas Organizações e no CT Vitória,  
e pelos tels. 3562715/6/7  
e 3558176/7/8/9.

## Escoural Festa da Liberdade

Dias 17 e 18 de Agosto  
junto ao campo de futebol

Domingo, às 21 horas,  
intervenção  
de Abílio Fernandes

## CDU

Domingo, dia 18  
**Sardinhada**  
na Praia de Sesimbra  
(Ribeiro de Palames)

Com a presença  
de Eufrazio Filipe

## Convívio

a partir das 10h

Sábado à noite  
**Convívio CDU**  
na Verderena

(junto ao CT do PCP)

Música-Arraial-Baile

Com a candidata  
**Helena Vinagre**

Sexta-feira às 21h  
**Torres Vedras**  
CT do PCP

**Plenário  
com  
Agricultores**

Participa  
**Agostinho Lopes**

**Jornada  
de Trabalho  
e Convívio  
dos Reformados  
de Lisboa  
na Festa  
do «Avante!»**

na quinta-feira, 22 de Agosto  
com saída do CT Vitória às  
8h

e regresso às 18h

às 15h: visita guiada à Atalaia

## Televisão

## Filmes na TV

### Quarta, 14

#### Canal 1

09.00 O Mar e a terra  
09.35 Rua Sésamo  
10.00 Viagem Sem Data  
10.30 O Sítio do Picapau Amarelo  
11.05 Lá em Casa Tudo Bem  
11.30 Cover Story  
12.00 Culinária  
12.10 Final Feliz  
13.00 Jornal da Tarde  
13.30 O Corpo Humano  
14.00 O Império de Carson  
15.00 Knebworth 90 ()  
16.00 A Vida Continua...  
16.55 O Ás da Polícia  
17.20 Brinca Brincando  
18.50 Volta a Portugal em Bicicleta  
19.15 Roda da Sorte  
20.00 Telejornal  
20.50 Sassá Mutema  
21.45 Vamos Jogar no Totobola  
22.05 A Flor do Deserto (Ver «Filmes na TV»)  
23.45 24 Horas  
00.05 Remate

#### Canal 2

12.00 Primeiro Jornal  
12.10 Os Centuriões  
12.30 Curso de Inglês  
12.45 Guarda Florestal  
13.30 Filhos e Filhas  
14.00 Jornal das Duas  
14.30 Agora, Escolha!  
15.50 Açores - Gente Nossa  
16.35 Recreio do 2  
17.10 Mulheres no Mundo  
18.00 Clip-Club  
18.50 Direito de Amar  
19.45 Via Rápida  
19.55 Homem Rico, Homem Pobre  
20.50 Nome de Rua  
21.00 Jornal das Nove  
21.30 A Santa Música de Duke Ellington  
23.00 Pop-Off

### Quinta, 15

#### Canal 1

08.30 Missa (transm. directa)  
11.05 Lá em Casa Tudo Bem  
11.30 Cover Story  
12.00 Culinária  
12.15 Final Feliz  
13.00 Jornal da Tarde  
13.30 Deixem-nos Viver  
14.00 O Império de Carson  
14.50 Knebworth 90 (IV)  
15.40 A Vida Continua...  
16.35 O Ás da Polícia  
17.00 Brinca Brincando  
18.50 Volta a Portugal em Bicicleta  
19.15 Roda da Sorte  
20.00 Telejornal  
20.40 Desenhos Animados  
20.50 Sassá Mutema  
21.50 Eternos Novatos  
22.20 Os Culpados  
23.10 Crônicas do Sobrenatural  
23.40 24 Horas  
24.00 Remate  
00.15 Mar a Mar

#### Canal 2

12.00 Primeiro Jornal  
12.05 A Força Astral  
12.30 Curso de Inglês  
12.45 Jerry Lewis Show  
13.35 Filhos e Filhas  
14.00 Jornal das Duas  
14.30 Agora, Escolha!  
15.45 Volata a Portugal em Bicicleta  
16.10 O Homem da Carabina  
17.00 Recreio do 2  
17.35 Clip-Club  
18.25 Direito de Amar  
19.15 Via Rápida  
19.25 Futebol - Real Madrid-FC do Porto  
21.30 Jornal das Nove  
22.00 Dramazine  
21.30 Especial Desporto  
23.20 O Dia Correu Bem? (ver «Filmes na TV»)

### Sexta, 16

#### Canal 1

09.00 O Mar e a Terra  
09.30 Rua Sésamo  
10.00 Globo Ciência  
10.30 O Sítio do Picapau Amarelo  
11.00 Lá em Casa Tudo Bem  
11.30 Cover Story  
12.00 Culinária

12.15 Final Feliz  
13.00 Jornal da Tarde  
13.30 À Descoberta do Mundo  
14.00 O Império de Carson  
14.50 Lou Reed  
16.10 A Vida Continua...  
16.55 O Ás da Polícia  
17.20 Brinca Brincando  
18.45 Roda da Sorte  
19.30 Telejornal  
20.10 Desenhos Animados  
20.20 Sassá Mutema  
21.20 Os Bons e os Maus (ver «Filmes na TV»)  
23.10 Cheers, Aquele Bar  
23.40 24 Horas  
24.00 Remate  
00.15 A Grande Mentira

#### Canal 2

12.00 Notícias  
12.05 Universo Juvenil  
12.30 Curso de Inglês  
12.45 O Caminho das Estrelas II  
13.30 Filhos e Filhas  
14.00 Jornal das Duas  
14.30 Agora, Escolha!  
15.45 O Século dos Cirurgiões  
16.20 As Aventuras de Black Beauty  
16.50 Recreio do 2  
17.20 Os Burlescos  
18.00 Clip-Club  
18.50 Direito de Amar  
19.40 Via Rápida  
19.50 Circo  
20.00 Nunca Mais é Sábado  
21.00 Jornal das Nove  
21.30 Desejo  
22.15 Rotações  
23.15 Derrick  
00.05 Roseanne

### Sábado, 17

#### Canal 1

09.00 À Mão de Semear  
09.25 Canal Jovem  
13.00 Notícias  
13.15 Loucuras de Verão  
13.40 Febre em Beverly Hills  
14.25 Status Quo  
15.25 Desenhos Animados  
15.50 Cortejo dos Descobrimentos  
17.00 Os Vizinhos São para Amar (ver «Filmes na TV»)  
18.45 Memórias da Humanidade  
19.45 Totoloto  
20.00 Jornal de Sábado  
21.35 Amor à Primeira Vista  
22.00 Casa Cheia  
22.35 A Time of Indifference  
23.40 Vidas Desesperadas (ver «Filmes na TV»)

#### Canal 2

09.00 Circo  
10.00 Sétima Legião  
10.50 A Flor Fatal  
11.45 Mozart em Digressão  
13.00 Agarra o 2  
14.15 Enamorada (ver «Filmes na TV»)  
16.00 Estádio  
18.30 Jornal Fim-de-Semana  
19.00 Outras Músicas  
21.00 Estádio  
23.45 A Música de Elvis Presley  
01.45 O Tempo

### Domingo, 18

#### Canal 1

09.00 Canal Jovem  
11.30 Missa  
12.30 70 x 7  
13.00 Notícias  
13.15 Os Jovens Cowboys  
14.00 Mapa Cor de Rock  
14.55 Uma Ponte Longe Demais (ver «Filmes na TV»)  
17.45 Misturà Fina  
18.55 Mcgyver  
20.00 Jornal de Domingo  
21.00 Kananga do Japão  
22.35 Domingo Desportivo  
23.50 Viagem ao Maravilhoso

#### Canal 2

09.00 Caminhos  
09.30 Novos Horizontes  
10.00 Fora de Horas  
10.30 Regiões Magazine  
11.30 Agarra o 2  
12.30 Competir  
12.35 Primeiro Jornal  
12.40 Troféu  
18.00 Circo  
18.30 Vida Nova

19.20 Bastidores da Casa Branca  
20.15 Luz na Sombra  
21.00 N6s 2  
22.00 Artes e Letras - «A História de Magnum»  
22.50 Cinco Anos Depois (ver «Filmes na TV»)  
01.10 Tauromaquia

### Segunda, 19

#### Canal 1

09.00 O Mar e a Terra  
09.35 Rua Sésamo  
10.00 Globo Ciência  
10.30 O Sítio do Picapau Amarelo  
11.05 Lá em Casa Tudo Bem  
11.30 Cover Story  
12.00 Culinária  
12.15 Final Feliz  
13.00 Jornal da Tarde  
13.30 América Selvagem  
14.00 O Império de Carson  
14.45 The Wall-I  
16.05 A Vida Continua...  
16.40 O Ás da Polícia  
17.10 Brinca Brincando  
18.40 Roda da Sorte  
19.30 Telejornal  
20.25 Sassá Mutema  
21.20 Jogos Sem Fronteiras  
22.45 Praia da China  
23.30 24 Horas  
00.05 Remate

#### Canal 2

12.00 Primeiro Jornal  
12.05 Flash Gordon  
12.30 Curso de Inglês  
12.40 Bate, Bate, Coração  
13.35 Filhos e Filhas  
14.00 Jornal das Duas  
14.30 Agora, Escolha!  
15.50 Expedição  
16.40 Recreio do 2  
17.10 O Livro dos Recordes  
18.00 Clip Club  
18.40 Direito de Amar  
19.40 Via Rápida  
19.50 Homem Rico, Homem Pobre  
20.50 Nome de Rua  
21.00 Jornal das Nove  
21.30 Informação Especial  
22.30 Ópera

### Terça, 20

#### Canal 1

09.00 O Mar e a Terra  
09.35 Rua Sésamo  
10.00 Eurosul  
10.30 O Sítio do Picapau Amarelo  
11.05 Lá em Casa Tudo Bem  
11.30 Cover Story  
12.00 Culinária  
12.10 Final Feliz  
13.00 Jornal da Tarde  
13.30 Guerra em Tempo de Paz  
14.00 O Império de Carson  
14.55 The Wall-II  
16.00 A Vida Continua...  
17.00 O Ás da Polícia  
17.30 Brinca Brincando  
18.40 Roda da Sorte  
19.30 Telejornal  
20.20 Sassá Mutema  
21.20 A Lei das Ruas  
22.15 Primeira Página  
23.30 It's a Living  
23.45 24 Horas  
00.05 Remate

#### Canal 2

12.00 Primeiro Jornal  
12.10 Os Novos Caça-Fantasmas  
12.25 Curso de Alemão  
12.45 Terence Trent D'Arby  
13.30 Filhos e Filhas  
14.00 Jornal das Duas  
14.30 Agora, Escolha!  
16.00 Férias Aquáticas  
16.40 Recreio do 2  
17.05 Tribunal de Juri  
17.50 Clip Club  
18.40 Direito de Amar  
19.40 Via Rápida  
19.55 Homem Rico, Homem Pobre  
20.50 Nome de Rua  
21.00 Jornal das Nove  
21.30 Cinemazine  
22.00 Wetherby (ver «Filmes na TV»)

00.00 Arsenio Hall  
00.55 Universidade Aberta

### Quarta, 21

#### Canal 1

09.00 O Mar e a Terra  
09.35 Rua Sésamo  
10.00 Viagem Sem Data  
10.30 O Sítio do Picapau Amarelo  
11.05 Lá em Casa Tudo Bem  
11.30 Cover Story  
12.00 Culinária  
12.10 Final Feliz  
13.00 Jornal da Tarde  
13.30 O Corpo Humano  
14.00 O Império de Carson  
15.00 A Tribute to John Lennon  
16.00 A Vida Continua...  
17.00 O Ás da Polícia  
17.25 Brinca Brincando  
18.45 Roda da Sorte  
19.30 Telejornal  
20.20 Sassá Mutema  
21.30 Vamos Jogar no Totobola  
21.45 Os Ambiciosos (Ver «Filmes na TV»)  
23.15 24 Horas  
23.35 Remate

#### Canal 2

12.00 Primeiro Jornal  
12.10 2020 - Polícia em Acção  
12.25 Curso de Inglês  
12.40 Guarda Florestal  
13.30 Filhos e Filhas  
14.00 Jornal das Duas  
14.30 Agora, Escolha!  
15.50 Açores - Gente Nossa  
16.35 Recreio do 2  
17.10 Mulheres no Mundo  
17.50 Clip-Club  
18.40 Direito de Amar  
19.40 Via Rápida  
19.55 Homem Rico, Homem Pobre  
20.50 Nome de Rua  
21.00 Jornal das Nove  
21.30 Corrida Touros  
22.30 Pop-Off  
23.35 Universidade Aberta

## TEATRO

### TEATRO ABERTO

Pç. de Espanha, Tel. 7970969.  
De 4ª a sáb. às 21, dom. às 16. A RAPARIGA DE VARSÓVIA, de Mário de Carvalho, encenação de Fernanda Lapa, produção do Novo Grupo.

### TEATRO DA GRAÇA

Trav. S. Vicente, 11. Tel. 875626. De 3ª a sáb. às 21.30, dom. às 16. PAISEFILHOS, de Turguenev, encenação de Rogério de Carvalho, interpretação de Mário Jacques, André Maia, Isabel de Castro, entre outros.

### TEATRO DO SÉCULO

Rua do Século, 41. Tel. 3428278. De 3ª a sáb. às 22, dom. às 18. POR TUDO E POR NADA, de Nathalie Sarraute, encenação Diogo Dória, interpretação Diogo Dória e Carlos Gomes, entre outros.

### RITZ CLUB

Rua da Glória, 57. Tel. 3425140. De 5ª a dom. às 21.30. HOMEM QUE É HOMEM, encenação de Alexandra Solnado.

### TEATRO MIRITA CASIMIRO

Cruzeiro, Monte Estoril. Tel. 4670320. De 3ª a sáb. às 21.30, dom. às 17. O PECADO DE JOÃO AGONIA, de Bernardo Santareno. Encenação de Carlos Avilez, interpretação de Sérgio Silva, Lia Gama, Zita Duarte, Santos Manuel, entre outros (até 18/8).

### A Flor do Deserto

«Desert Bloom» (EUA/1985). Realização de Eugene Corr, interpretação de Jon Voight, Annabeth Gish, Jobeth Williams, Ellen Barkin. Cor, 100 minutos.

Rose Crismore, uma garota de 13 anos, vive com suas irmãs mais novas, Dee Ann e Barbara Jo, a sua mãe, Lily, e o seu padrasto Jack, um ex-combatente ferido na guerra da Coreia, que tem agora, ou seja, em meados dos anos 50, um posto de gasolina nos limites de duas turbulências: visível a da cidade de Las Vegas, pressentida a do deserto do Nevada. É deste que lhes chegam os ecos mais misterio-

sos, através do espectro radioelétrico que Jack passa a vida a correr obsessivamente com o seu rádio e, um dia, daquela misteriosa flor do deserto - afinal, o cogumelo da primeira explosão atômica do deserto do Nevada.

O drama dessa família vivendo um quotidiano de inquietações e interrogações, no limiar da crise profunda que crescia na América, é dado com sensibilidade e um surpreendente saber eontar por Eugene Corr e pelos seus admiráveis intérpretes, com destaque para a jovem Annabeth Gish e para Jon Voight, que é sempre um grande actor.

Quarta, 21.45, Canal 1



### O Dia Correu Bem?

«Went The Day Well?» (GBR/1943). Realização de Alberto Cavalcanti, interpretação de Leslie Banks, Basil Sidney, Elizabeth Allen. P/B, 92 minutos.

Este é mais um filme britânico inserido no esforço de propaganda anti-hitleriana do início da guerra,

orientada para a vigilância e a resistência das pequenas comunidades.

Mas é, não apenas inédito entre nós: realizado por Alberto Cavalcanti e adaptado de um conto de Graham Green, vale decerto a pena vê-lo. Que mais não seja porque há de ser uma boa história, e uma história bem contada.

Quinta, 22.55, Canal 2

### Os Bons e os Maus

«Smokey and the Bandit» (EUA/1977). Realização de Hal Needham, interpretação de Burt Reynolds, Sally Field, Jerry Reed, Jackie Gleason. Cor, 93 minutos.

A chamada «comédia de perseguição», com um condutor de pesados atrevido que acolhe uma proposta de transporte em tempo louco e uma mulher que foge a um noivo indesejado. Suspense «a fingir», porque o que o realizador pelos visto pretendeu e de facto conseguiu foi encadear com excelente ritmo situações divertidas.

Por outro lado, a Burt Reynolds este tipo de comédias camionistas vão-lhe a matar. A tal ponto que nunca se sabe se ele saltou do cinema para o camião, se do camião para o cinema...

Sexta, 21.20, Canal 1

## Tempo

Céu geralmente limpo, continuação do tempo quente.



CINEMA

**Enamorada**  
«Enamorada» (México/1946). Realização de Emilio Fernandez, interpretação de Maria Felix, Pedro Armendariz. P/B, 82 minutos.

Ao que parece, este é o último dos filmes de Fernandez programado pela RTP-2 neste Verão; é também um dos dois ou três filmes mais famosos do realizador, que se vê muitas vezes lembrado por ele e por «Maria Candelária». Épico e simultaneamente lírico, «Enamorada» conta a história de amor entre um general revolucionário e uma aristocrata (Maria Felix, admirável) que abandona posição e fortuna para o seguir e às suas tropas.

O filme foi um grande êxito nesses finais dos anos 40 e valeu a Emilio Fernandez convite para dirigir em Hollywood alguns anos depois uma versão americana.

Sábado, 14.15, Canal 2

**Os Vizinhos são para Amar**  
«Love thy Neighbour» (telefilme, EUA/1984). Realização de Tony Bill. Cor, 100 minutos.

Trocas amorosas - em vez de boa vizinhança, que é o que aconselham os bons costumes... Castigo para quem insista em passar a tarde de sábado a olhar para o televisor!

Sábado, 17.00, Canal 1

**Vidas Desesperadas**  
«Desperate Lives» (telefilme, EUA/1982). Realização de Robert Lewis, interpretação de Diana Scarwid, Doug McKeon, Helen Hunt. Cor, 92 minutos.

É mais uma história de droga num liceu: os desesperos e as vontades de a combater que engendra.

Sábado, 23.45, Canal 1

**Uma Ponte Longe De Mais**  
«A Bridge Too Far» (GBR/1977). Realização de Richard Attenborough, interpretação de Dirk Bogarde, James Caan, Michael Cain, Sean Connery. Cor, 170 minutos.



Richard Attenborough reconstituiu neste filme um episódio sangrento da 2ª Guerra Mundial, a célebre operação Market Garden na Holanda - uma ponte considerada importante ponto estratégico para a invasão da Alemanha e que foi um terrível cemitério de soldados. O episódio é recriado passo a passo num cenário gigantesco (Attenborough - recorde-se Gandhi - reconstrói-os minuciosamente) para fazer aquilo a que chamaram um «grandioso espectáculo bélico», também com recurso a uma legião de actores de primeira linha. Além dos citados, Gene Hackman, Laurence Olivier, Robert Redford, Maximilian Schell, Liv Ullman...

Domingo, 14.55, Canal 1

**Cinco Anos Depois**  
«One-Eyed Jacks» (EUA/1961). Realização de Marlon Brando, interpretação de Marlon Brando, Karl Malden, Pina Pellicer, Katy Jurado. Cor, 141 minutos.

Tanto quanto sabemos é a única longa metragem dirigida por Marlon Brando, com um argumento na linha do que algumas vezes escolheu como actor: uma história tortuosa de traição e de vingança

em cenário de western. Quer nas grandes linhas do argumento, quer evidentemente na interpretação de Brando e Malden, o filme é fortemente marcado pelo Actor's Studio, o que, se lhe dá uma densidade consistente e coerente, também será causa de um arrastamento ineficaz.

Domingo, 22.50, Canal 2

**Wetherby**  
«Wetherby» (GBR/1985). Realização de David Hare, interpretação de Vanessa Redgrave, Joely Richardson, Ian Holm. Cor, 100 minutos.

É um daqueles sufocantes filmes ingleses acerca da solidão e da infelicidade, que aliás a RTP já exibiu há anos.

Em resumo, começa assim: Jean Travers, professora em Yorkshire, organiza na sua casa de campo um jantar para dois casais seus

amigos. Um jovem, John Mongan, chega ao mesmo tempo que um dos casais, e Jean convida-o a participar, julgando que ele acompanhava os seus amigos. No dia seguinte, John regressa a casa de Jean - para se suicidar. Enquanto a polícia se esforça por entender o que se passou e porquê, Jean revive com os seus fantasmas o seu passado...

Mas Jean é Vanessa Redgrave - e se mais não fora, por ela vale a pena atravessar este pesadelo...

Terça, 22.00, Canal 2

**Os Ambiciosos**  
«Hotel» (EUA/1967). Realização de Richard Quine, interpretação de Rod Taylor, Catherine Spaak, Karl Malden, Melvyn Douglas. Cor, 124 minutos.

Quarta, 21.35, Canal 1

	David Lopes	M. M. Luz	Manuel Neves	Paulo Torres
<b>A</b> Na Lista Negra	—	★★★	—	★★★
<b>B</b> Nouvelle Vague	—	★★★★	—	★★★
<b>C</b> Texasville	—	★★★★	—	★★★★
<b>D</b> Tilai	—	—	—	★★★

Classificação de ★ a ★★★★★

- A — Real. Irwin Winkler — King Triplex/2 (14.00, 16.00, 18.00, 20.00, 22.00) — Lisboa.
- B — Real. Jean-Luc Godard — King Triplex/3 (13.15) — Lisboa.
- C — Real. Peter Bogdanovich — Amoreiras/5 (14.00, 16.30, 19.00, 21.30, 24.00). Quarteto/1 (14.30, 17.00, 19.30, 21.45, 24.00) — Lisboa.
- D — Real. Idrissa Ouedraogo — King Triplex/3 (15.00, 16.45, 18.30, 20.15, 22.15) — Lisboa.

PALAVRAS CRUZADAS

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
1															
2															
3															
4															
5															
6															
7															
8															
9															
10															
11															
12															
13															

**Horizontais:** 1 - Cidade alentejana; capital do trabalho; cidade algarvia. 2 - Eja; vive muito em casa; culpadas. 3 - Paxá sem pontas; textualmente; hora canónica; átomo (símb.). 4 - Inflexão de voz; raivosas; regressar. 5 - Põem asas; cidade nabantina; tolhida. 6 - Cantor de voz aguda; pesar o continente de mercadorias. 7 - Engano; divisão de tempo; procedem. 8 - Consentí; apoquentam. 9 - Veste talar e preta dos funcionários judiciais; repercutem; capital europeia. 10 - Governanta; alvorotam; prep. 11 - Despido; medida agrária; lista; pron. pess. 12 - Remoinho de água; usurários; doença. 13 - Líquido existente no sangue e no leite; agastam-se; divisa.

**Verticais:** 1 - Santarronas; leques. 2 - Instrumentos de carpinteiro para desbastar; rival. 3 - Agora mesmo; instrumento de madeira para se fazer barulho; atmosfera. 4 - Compra. 5 - Principal entre os árabes; construiu uma arca quando do Dilúvio; lavra. 6 - Ordeiro; incumbe. 7 - Art.; habitante do Norte da Europa; pref. neg. 8 - Humedecem; enfeitou. 9 - Pron. pess.; puseram data; basta. 10 - Decorara; idolatraram; 11 - Cont. prep. e art.; a nossa casa (inv.); pedras de moinho. 12 - Local onde se pisam as uvas. 13 - Brisa; distinguiremos; pron. pess. 14 - Verdadeiros; introduzam. 15 - Moluscos lamelibrânquios bivalves; tigela de madeira.

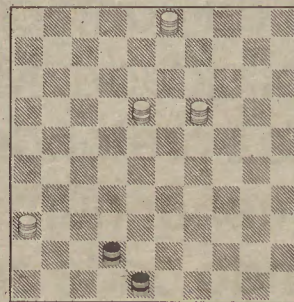
SOLUÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR

**Horizontais:** 1 - Arco; gravame; bar. 2 - Goma; arame; Meca. 3 - Acaba; Ota; Belém. 4 - Pirata; melado. 5 - Em; lama; polo; os. 6 - Socorreriam. 7 Mu; ale; dos; aí. 8 - Sardaniscas. 9 - Rã; fiar; soam; Cu. 10 - Olaias; sibila. 11 - Velas; ato; soror. 12 - Agem; émulos; Sara. 13 - Som; clamara; sós.

**Verticais:** 1 - Agapes; trovas. 2 - Rocim; alego. 3 - Omar; sus; além. 4 - Abalo; afiam. 5 - Atacarias. 6 - Ra; amoldas. el; 7 - Aro; arear; ama. 8 - Vate; atum. 9 - Ama; pedis; olá. 10 - Me; morosos; or. 11 - Beliscais. 12 - Meloia; ambos. 13 - Bela; mas; iras. 14 - Acedo; cloro. 15 - Ramosa; suaras.

DAMAS

CCCXVII - 14 de Agosto 1991  
Proposição nº 317  
Por: F.C. Hemmes, 1908  
Pr.: [2]: (41)-(48)  
Br.: [4]: (3)-(18)-(19)-(36)

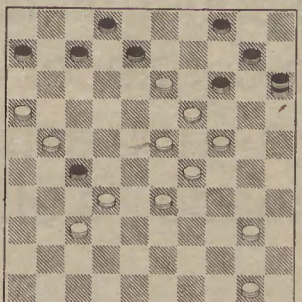


Branças jogam e ganham (6T)

\*\*\*

Golpe Nº 317

Por: Géó Van Dam - Maio, 1923  
Pr.: [9]: 2-4-6-7-8-10-14-(15)-27  
Br.: [12]: 13-16-19-21-23-24-29-32-33-37-40-50



Branças jogam e ganham

\*\*\*

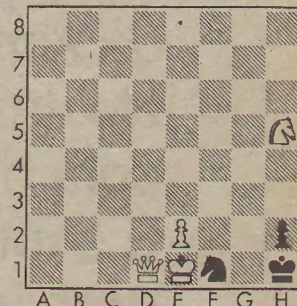
Soluções do Nº CCCXVII

Nº 317 (F.C.H.): 1. 36-47, (42-26) A; 2. 19-8  
Se: 2. ...., (48-25); 3. 18-34, (25x48); 4. 47-42 e 5. 8-12+  
Se: 2. ...., (26-37); 3. 36-31 e 4. 47-42 e 5. 8-12+  
A: Se: 1. ...., (42-15); 2. 19-30 e 3. 18-29 e 4. 47x20 e 5. 3x25+  
Golpe Nº 317 (G. Van D): 1. 23-18, (14-45); 2. 18-12, (15x17) 3. 32x21, (7x9); 4. 21x5=D+

A. de M.M.

XADREZ

CCCXVII - 14 de Agosto de 1991  
Proposição nº 317/A  
Por: Herbert Grasmann  
Deutsche Schachhefte, 6/1950  
Pr.: [3]: Ph2-Cf1-Rh1  
Br.: [4]: Pé2-Ch5-Dd1-Ré1

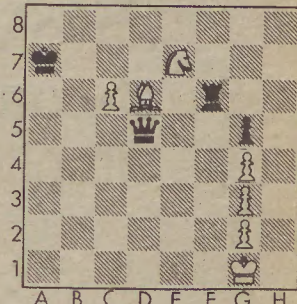


Mate em 4 lances

\*\*\*

Proposição nº 317/B

Por: F. J. Prokop  
2º Prémio: Schachmatny, 1927  
Pr.: [4]: Pg5-Tf6-Dd5-Ra7  
Br.: [7]: Ps.ç6, g2, g3, g4-Cé7-Bd6-Rg1



Branças jogam e ganham

\*\*\*

Soluções do Nº CCCXVII

Nº 317/A (H.G.): 1. Dd5+!, Rg1; 2. Dh1+!, R:h1; 3. Rf2 e 4. Cg3+  
Nº 317/B (F.J.P.): 1. Bb8+!, R:b8; 2. ç7+, Rb7; 3. ç8=B+e.g. [3. ç8=D+?, Ra7!]; 4. Cd5, Tf1+!  
2. ...., Ra8; 3. ç8=T+e.g. 2. ...., Ra7; 3. ç8=C+e.g.

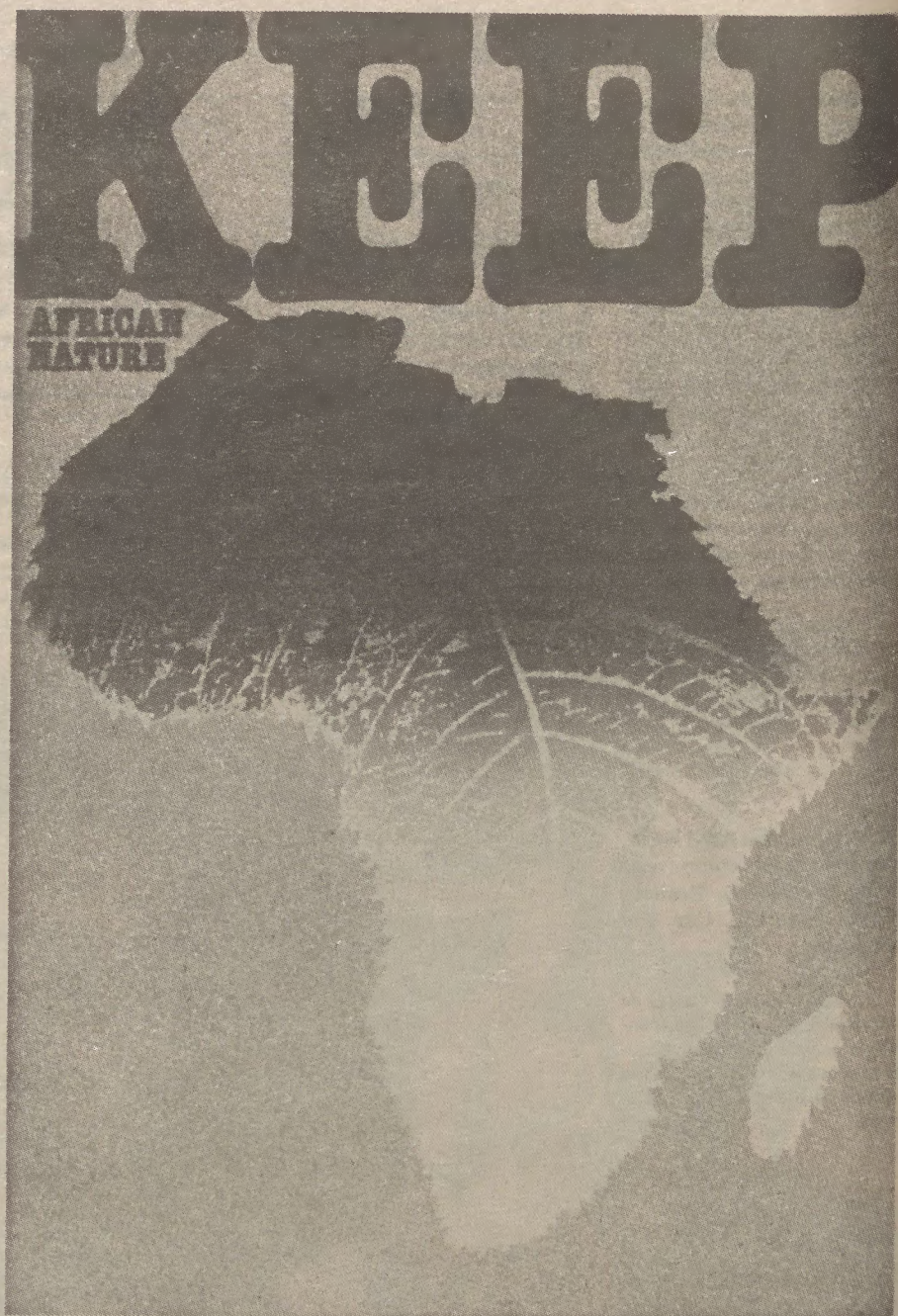
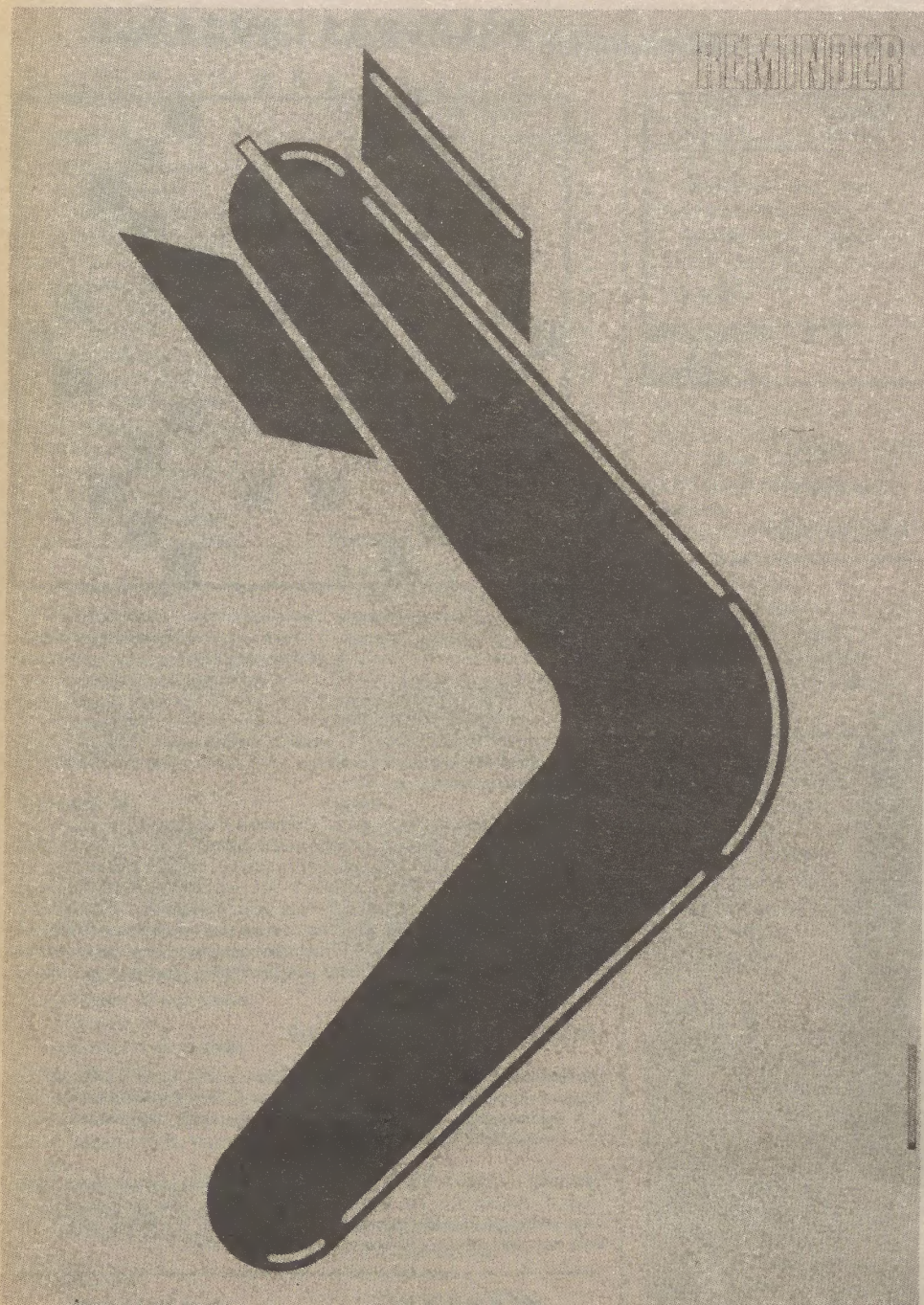
A. de M. M.

edições **Agenda!** Recomendam

**O PARTIDO COM PAREDES DE VIDRO**

Álvaro Cunhal





Espaço de contacto imediato e leitura rápida, o cartaz é o mundo da simplicidade. Melhor, da simplicidade aparente.

No cartaz pretende dizer-se o mais possível, o melhor possível com o menor número possível de elementos.

É o mundo onde se pretende tudo dizer com **uma** palavra, com **uma** imagem.

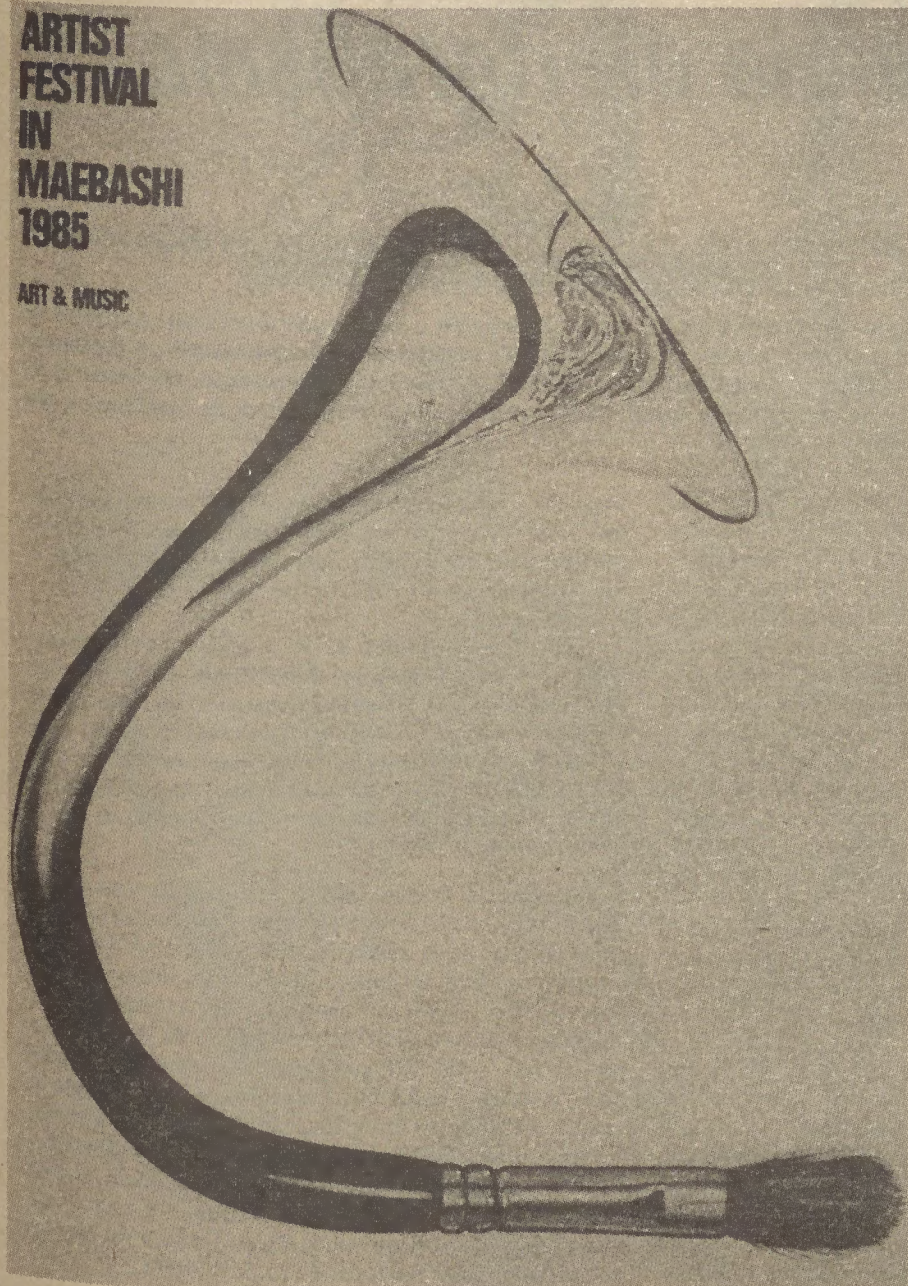
W.C. Fields afirmava peremptório que «a simplicidade é a coisa mais complicada que existe» - e os autores de cartazes sabem que é verdade...

Porque construir a imagem que só por si transmite uma ideia envolve conhecer os muitos caminhos por que uma ideia pode chegar até um espectador. Como nestas cinco obras-primas de simplicidade - e eficácia.

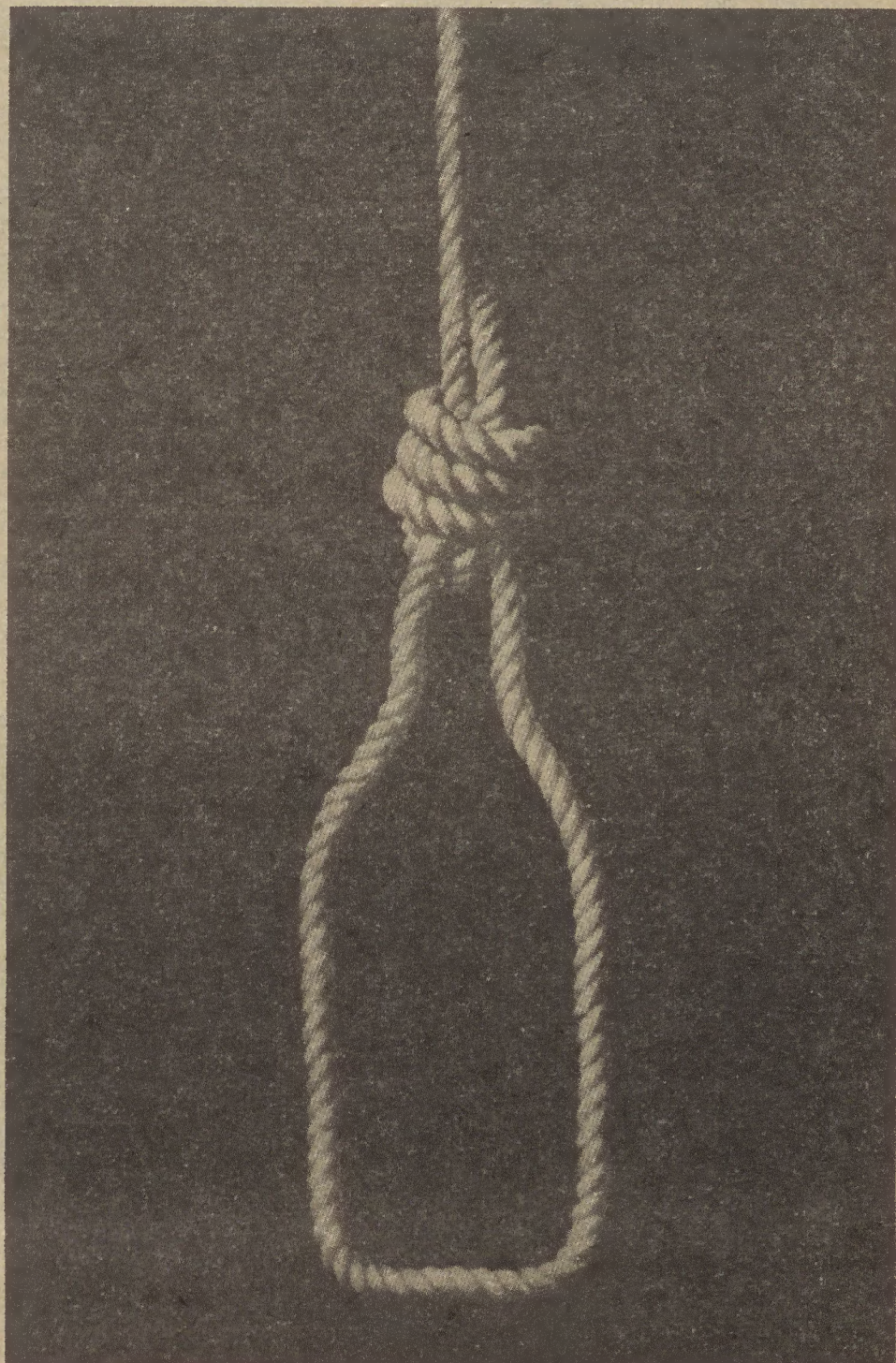
# Espelho da His

ARTIST  
FESTIVAL  
IN  
MAEBASHI  
1985

ART & MUSIC



ORWELL 1984



tória - II

# a talhe de FOICE

*Ainda no outro dia, a Comissão Coordenadora da CDU, em conferência de imprensa, chamava a atenção para as loas deste Governo que, apresentando-se como de sucesso garantido no estrangeiro - todos os estrangeiros achavam que Cavaco é que era bom - não garantia sucesso nenhum aos portugueses, pelo menos à maioria deles. E colocava à pertinente questão: se os tais estrangeiros estivessem sujeitos às condições de vida da maioria dos portugueses, fugiriam daqui a sete pés.*

*O facto é que Cavaco e o seu Governo - que também fazem propaganda lá fora - persistem em convencer os eleitores de que isto é mesmo uma democracia «de sucesso». Não contentes em inaugurar o que já estava inaugurado ou aquilo que ainda não está concluído, gabaram-se mesmo de ter sido o PSD o autor - moral? - de centenas de milhares de nascimentos em Portugal e de outras proezas que subtraem aos portugueses e às portuguesas os seus melhores méritos, nem que seja o fazerem eles os seus próprios filhos...*

*A propaganda soma sucessos. E nem sequer se demora a subtrair à colossal adição os mais evidentes insucessos. Torna-se por isso mesmo escandalosa. Mas de escândalos já provou o Governo não ter receios. Nem sequer de inquéritos. Quando os há, manda-os simplesmente arquivar, e pronto, uma pedra de silêncio sobre o assunto. O silêncio, já muita gente percebeu, pode ser uma arma tão perigosa e devastadora quanto uma bomba de vários megadecibéis, se assim se podem medir os estrondosos sucessos do cavaquismo. Com o silêncio se têm encoberto não apenas as lutas dos trabalhadores que lograram alcançar vitórias, como as iniciativas da oposição, tenham ou não alcançado os seus objectivos. Com o silêncio se tem encoberto a degradação das condições de vida dos trabalhadores, os salários baixos e a repressão. Com o silêncio se tem encoberto os desastres. Como revelou Carlos Carvalhas no passado fim-de-semana, sem que o público o saiba, já arderam este Verão mais florestas do que no ano precedente. Com o silêncio se tem encoberto a verdade, e a verdade é que o sucesso está longe.*

*A verdade também é que não se pode encobrir tudo para sempre.*

*E, de vez em quando, uma ponta do véu se levanta - ou se rasga, na pressa de tudo tapar.*

*Foi o que terá acontecido durante o comício da Figueira da Foz.*

*Não falamos, é claro, do cabeça de lista por Coimbra, que arengou aos seus «rapazes» sobre uns «rapazes» que andam por aí a desdizer do Governo.*

*Falamos do governante e ministro da Defesa, Fernando Nogueira, que se «descaiu» e, a par de alguns alarmismos, foi dizendo algumas verdades. Disse ele que tinha o PSD de estar preparado para «tudo», nestas eleições. Meteu medo (?), ao velho estilo de Ângelo Correia, o que parece indicar os primeiros sinais de pânico entre as hostes. Mais do que isso, foi dizendo que o PSD só pode contar com os do PSD...*

*Desmentindo o «sucesso» apregoado nos caríssimos e ilegais painéis que enchem o país, vem o ministro jogar à defesa: tudo pode acontecer, avisou; o PSD só pode contar consigo mesmo. Deu de si e do seu partido a imagem perfeita do isolamento. Com tudo e todos contra si, e todos dispostos a tudo para derrubar Cavaco. Pois bem, até lhe podemos dizer que, acreditando embora no crescente isolamento do executivo e do PSD pelo mau trabalho feito, e acreditando também nas potencialidades da oposição e no reforço daquela que mais consequente se tem mostrado - a CDU -, nem acreditamos assim tanto no alarmismo do ministro. Ainda há-de haver alguns eleitores, para além dos membros do PSD, que se vão deixar enganar pelo sucesso...*

LM

## ÚLTIMAS

# PCP denuncia eleitoralismo do PSD

O gasóleo não baixou, a floresta arde, o pacote laboral cresceu, os escândalos continuam. É uma autêntica «democracia de sucesso»!

Na sua reunião semanal, a Comissão Política do CC do PCP debateu a atribuição dos canais privados de televisão, o reforço das indemnizações aos grandes proprietários, os problemas dos agricultores, a legislação laboral, as privatizações e a acção eleitoralista do Governo e do PSD, bem como a intervenção pré-eleitoral da CDU. Estas questões são referidas no comunicado ontem dado a conhecer em conferência de imprensa e que publicamos praticamente na íntegra.

**1.** A Comissão Política do PCP denuncia as descaradas mentiras com que o Governo procura responder aos problemas da agricultura e à luta dos agricultores. As medidas anunciadas no fim da semana passada são uma mistificação e não satisfazem minimamente as reclamações dos agricultores.

É mentira que o Conselho de Ministros tenha baixado o preço do gasóleo para a agricultura em 30\$00/litro. Como o Governo sabe, houve apenas a confirmação de uma portaria de Abril com a alteração do valor médio do subsídio de 21\$50 para 30\$00, o que corresponde a um abaixamento do preço do gasóleo de 8\$50/litro. O referido subsídio mantém, contudo, o gasóleo de uso agrícola a um preço 20% superior ao valor médio da Comunidade. (...)

**2.** A Comissão Política do PCP sublinha mais uma vez a completa falência da política florestal do Governo perante a continuidade dos fogos florestais, que vão devastando milhares e milhares de hectáres de floresta. (...)

**3.** O Governo, mantendo-se surdo aos protestos dos trabalhadores e à rejeição generalizada do pacote laboral por parte das suas organizações, aprovou um largo conjunto de diplomas sobre legislação laboral que, incluindo o chamado pacote laboral, o amplia em muito, ao aprovar vários outros diplomas, como seja a alteração do regime de suspensão do contrato de trabalho (lay-off), a redução do período normal de trabalho, o regime jurídico do trabalho no domicílio, as alterações do regime jurídico das relações colectivas de trabalho e regime jurídico do serviço doméstico, tudo diplomas não constantes da autorização legislativa.

A decisão do Governo é duplamente grave, quer porque esta legislação laboral fere importantes direitos dos trabalhadores e é altamente gravosa para as suas condições de trabalho, quer porque o Governo exorbita das suas funções ao aprovar legislação cuja competência pertence à Assembleia da República. (...)

**4.** A Comissão Política do PCP considera que o Primeiro-Ministro e o ministro das Finanças não podem continuar a primar pelo silêncio face aos sucessivos escândalos que têm acompanhado as privatizações e às graves declarações e acusações publicamente proferidas por gestores públicos e comissões de trabalhadores, nomeadamente em relação aos casos da Bonança, União de Bancos e BESCL. A recusa pelo PSD da comparência do ministro das Finanças na AR para prestar esclarecimentos, a solicitação do PCP, e a não resposta do Governo, até hoje, aos requerimentos formulados na Comissão de Economia e Finanças, são só por si reveladoras da greve de conduta do Governo e do Grupo Parlamentar do PSD.

A Comissão Política do PCP decidiu elaborar um dossier sobre esta matéria e apresentá-lo oportunamente à Alta Autoridade contra a Corrupção.

**5.** Os painéis com que o PSD invadiu o País, pretendendo convencer os portugueses das magníficas vantagens da chamada «democracia de sucesso», são paradigmáticos da prática que tem caracterizado os últimos quatro anos da governação cavaquista.

Em primeiro lugar, porque o PSD ignorou e violou normas legais (que foram propostas e impostas pelo próprio PSD) que presidem à colocação desses painéis, actuando como se o País fosse uma coutada do Primeiro-Ministro. O hábito de decidir na base da prepotência e do autoritarismo e do abuso da maioria absoluta de que dispõe, faz com que o Governo PSD tenha transformado a actuação à margem da lei numa prática normal e regular.

Em segundo lugar, porque o conteúdo do slogan subverte a realidade dos factos, questão em que o PSD se especializou nos últimos quatro anos. O «sucesso» que Cavaco Silva anuncia é o sucesso das rápidas e grandes fortunas que a sua política proporcionou a uns quantos, é o sucesso dos grandes beneficiários dos fundos da CEE e dos negócios fraudulentos das privatizações, é o sucesso dos grandes favorecidos com os perdões fiscais.

A imagem do País que Cavaco Silva pretende vender constitui, assim, uma deturpação grosseira da realidade nacional. O desmascaramento desta fraude é, não só, uma exigência democrática, mas um acto de respeito pelos direitos e pela inteligência dos portugueses. (...)

**6.** A Comissão Política do PCP salienta ser patente que o PSD, incapaz de suportar um real debate político centrado sobre os verdadeiros problemas do povo e do País e sobre a

acção do seu Governo, multiplica — com recurso a técnicas de má memória — as operações de ilusionismo, propaganda e louvaminha em torno da figura do primeiro-ministro, da sua biografia, gostos e hábitos de vida. (...)

**7.** A Comissão Política alerta a opinião pública para a nova vaga de inaugurações eleitoralistas que o Governo, prosseguindo a sua desenfreada operação de caça ao voto, prepara para o mês de Setembro. A pressa com que certas obras estão a ser ultimadas torna legítimo recolocar a questão de saber quais os encargos adicionais dispendidos pelo Governo para garantir inaugurações no período da campanha eleitoral. (...)

**8.** A Comissão Política do PCP chama a atenção da opinião pública para a injusta e chocante atribuição pelo Governo de mais de 45 milhões de contos de reforço de indemnizações aos grandes proprietários, pelas nacionalizações após o 25 de Abril, em contraste, por exemplo, com a votação negativa do PSD na Assembleia da República do projecto de lei do PCP que garantia o aumento das reformas e pensões e melhorava a sua fórmula, e que atingia um valor semelhante ao agora concedido aos ex-monopolistas.

Quarenta e cinco milhões de contos correspondem a cerca de 10 000 habitações sociais, correspondem ao custo estimado do Centro Cultural de Belém — e é este valor que, como o consentimento do PS, o Governo vai entregar agora aos grandes senhores do 24 de Abril! (...)

**9.** Analisando os últimos desenvolvimentos no processo de licenciamento de canais privados de televisão, a Comissão Política entende oportuno salientar.

— que este processo decorre no quadro de uma legislação (designadamente a que fixou o tipo de concurso, a que fixou uma composição altamente governamentalizada para a AACS e a que atribuiu a este órgão uma reduzida competência nesta matéria) que teve o acordo do PS e do PSD mas suscitou as maiores reservas ao PCP;

— que a decisão do Governo de adiar o licenciamento para depois das eleições é uma nova confirmação de que a acção do Executivo está, de há muito, estritamente balizada pelas conveniências ou inconveniências eleitorais que o PSD vislumbra nas respectivas decisões;

— que uma atitude de ponderação séria e exigente dos problemas da televisão em Portugal, ao invés de aconselhar uma excessiva concentração de interesse ou expectativa em torno da atribuição dos canais privados ou a mobilização em defesa deste ou daquele candidato, continua sim a reclamar a defesa e a modernização do serviço público de televisão (como dois canais, como a nova da Lei de Televisão consagrou), com a sua recondução a uma orientação baseada nos princípios constitucionais, implicando a salvaguarda do seu património e de meios que lhe permitam enfrentar a concorrência dos canais privados e a recusa de um modelo de programação que conduzisse ao enfraquecimento da sua viabilidade económica;

— que é fundamental a exigência do cumprimento, por parte dos canais privados que vierem a ser licenciados, dos fins «genéricos» e «específicos» da actividade de televisão consagrada na respectiva Lei (designadamente quanto ao pluralismo, à produção nacional, à publicidade, etc.) e da criação de meios eficazes de fiscalização democrática sobre tal cumprimento — que é necessário advertir desde já que, tendo em conta as conjecturas negativas que numerosos especialistas têm feito sobre a viabilidade económica da existência em Portugal de 4 canais de televisão, a obtenção de licenciamento possa estar a ser encarada por candidatos sobretudo como uma plataforma para o posterior relançamento da reclamação da privatização de um ou dos dois canais de serviço público.

**10.** A Comissão Política do PCP confirma o clima de confiança, serenidade e sentido de responsabilidade que está solidamente marcando a intervenção pré-eleitoral da CDU e que constitui um factor da mais alta importância para que, em 6 de Outubro, o movimento de interesse em torno da CDU se traduza no reforço da sua influência eleitoral.

A um mês do arranque para a campanha eleitoral, amplia-se justificadamente a consciência de que a CDU é uma insubstituível opção eleitoral para assegurar a derrota do PSD, garantir uma maioria parlamentar dos partidos democráticos, impulsionar uma nova política inspirada pelos interesses populares e nacionais, concretizar uma alternativa democrática ao Governo do PSD.

# Avante! festa!

Avante!

Director

António Dias Lourenço


SUPLEMENTO N.º 9

14 de Agosto de 1991

Não pode ser vendido  
separadamente

AMORA-SEIXAL • 6, 7 e 8 SETEMBRO

## O trabalho antes da festa!



Nos vinte e três dias que faltam para a abertura da Festa, muito trabalho há ainda para realizar.

Os progressos são já notáveis graças ao esforço de muitos homens e mulheres que no terreno têm erguido as principais estruturas da XV Festa do «Avante!».

O apelo continua lançado, o contributo de todos é indispensável para nesta fase final concluir a construção da maior realização política e cultural do País — a Festa do «Avante!».



# PALCOS DE LISBOA E SETÚBAL UM PROGRAMA EM CHEIO

Um dos factores que mais contribuem para o carácter único da Festa do «Avante!» como grande acontecimento cultural é a diversidade de palcos e recintos destinados a apresentações que se espalham por todo o recinto, proporcionando simultaneamente espectáculos da mais diversa índole.

Para além do Palco «25 de Abril», do Auditório «1º de Maio», do Palco Arraial e do Avanteatro, o inventário dos outros palcos da Festa é imenso.

Relativamente àqueles palcos centrais é já significativa a diversidade das suas condições, da sua programação, reflexo de uma variedade que marca todo o programa da Festa.

É aliás interessante verificar que esta diversidade de recintos de espectáculo constitui um traço definidor da personalidade da Festa do «Avante!», mas assinala também uma evolução que traduz a atenção constante na sua melhoria e na correspondência às mudanças de gostos e de realidades no campo do espectáculo.

Na verdade, para quem se recorde do figurino inicial dos palcos da Festa, certamente se lembrará que a base se situava em dois palcos (os então «Palco 1» e «Palco 2»), no fundo palcos com idênticas características, apenas diferindo nas suas dimensões.

Com o apuro da programação da Festa revelou-se necessária a criação de um auditório que acolhesse espectáculos cujas características desaconselhavam a apresentação em grandes recintos de ar livre, antes resultando valorizados por apresentações em recintos de menores dimensões e dotados de outras condições de ordem técnica. Assim surgiu o Auditório «1º de Maio», habitualmente instalado numa vasta tenda de circo.

De passagem, refira-se que este ano o Auditório «1º de Maio» terá uma melhoria importante: será alcatifado! A razão da medida é evitar o pó que inevitavelmente se levanta dentro da tenda com as entradas e saídas de espectadores e que - inevitavelmente também! - fica dentro dela, acabando por tornar o ambiente dificilmente respirável.

*Tal como noutros pontos da Festa, está prevista o arrelvamento do interior do Auditório, mas, apesar de todas as regas e adubos, a relva não cresce de um ano para o outro...*

*Assim, este ano recorreu-se à solução de cobrir o chão com alcatifa, o que, de forma embora provisória, resolverá a questão do pó.*

A importância da presença de ranchos folclóricos na Festa conduziu igualmente à criação de um recinto específico para as suas actuações, o Palco «Arraial».

Com a sua criação igualmente se incentivou estas participações, constituindo hoje a Festa um dos mais significativos encontros de ranchos que anualmente se realizam em Portugal.

Finalmente, o empenho dos homens do teatro levou ao aparecimento do Avanteatro.

Em 1990, primeiro ano da Festa da Atalaia, as imposições do pouco tempo de que dispusemos para a construção levaram à necessidade de limitar algumas áreas de espectáculos e foi assim, por exemplo, que o Auditório «1º de Maio» e o Avanteatro partilharam a mesma tenda de circo. Este ano já tal não sucederá, programações independentes terão os seus recintos independentes.

Mas onde a melhor preparação possível este ano se faz mais sentir é no cuidado posto pelas organizações regionais nos seus palcos próprios, seja no tocante à programação, seja mesmo

no que se refere a condições técnicas e programação.

Particular destaque merecem os palcos de Lisboa e de Setúbal, bem como o já tradicional Café Concerto promovido pelo Sector Intelectual da ORL.

O programa detalhado destes palcos será divulgado em pormenor na revista-programa, mas desde já é possível anunciar algumas novidades.

Nada menos de três grupos rock actuarão no palco de Setúbal: os Prós e Contras, os Derivados do Petróleo e os Demokratia. Além deles, baile com o conjunto Sinal, a presença da MPP com o grupo Zimbro, além de dança jazz, performances, circo - e etc.!

No Café Concerto da DORL haverá conversas várias (Virgílio Martinho falará das tertúlias literárias de Lisboa, José Duarte falará de jazz, recordar-se-á Michel Giacometti e o seu trabalho, nisto se incluindo projecção de vídeos) e haverá igualmente espectáculos vários.

O Palco de Lisboa promete uma programação que incluirá apresentações de grupos que passarão igualmente no Palco «25 de Abril» (prevista uma apresentação do grupo de *rhythm & blues* britânico Bogus Brothers e uma actuação do grupo guineense Issabary), mas também com a presença de nomes como Jorge Palma e diversos grupos rock.

Em fase de ultimate, os alinhamentos definitivos dos programas serão divulgados no programa que será brevemente posto à venda.

Avanteatro



**MEIA PRETA**  
apresenta

Sexta

«A ilha», de Athol Fugard, John Kani e Winston Ntshona, pelo SERPENTE, Grupo de Teatro de Paços de Ferreira

Sábado

«A moeda», de Luís Mourão, «O homem que caiu sobre a cama», de Norberto Ávila, pelo Grupo de Teatro de Paços de Ferreira

Domingo

«Cenas da comédia del'arte» pelo Meia Preta

«Auto da Índia», de Gil Vicente, pelas Marionetas de Lisboa

«Liberdade em Bremen», de R.W. Fassbinder, pela Barraca

**CENAS DA COMÉDIA DEL'ARTE**

**A BARRACA**

**LIBERDADE EM BREMEN**  
de R.W. FASSBINDER  
encenação HELDER COSTA

**TEATRO CINEARTE**

«Auto da Índia»

«A Moeda»



Derivados do Petróleo: o rock no Palco de Setúbal



«A Ilha»



## ESPAÇO DA SOLIDARIEDADE

Começámos por imaginar um espaço onde os amigos de todas as latitudes se pudessem reunir. Onde dissessem das suas vidas e lutas, das esperanças e realizações, das batalhas travadas e a travar por um objectivo que nos é comum: um mundo mais justo, de paz e amizade.

Uma utopia, na opinião de alguns; um sonho por que vale a pena lutar, no parecer de muitos outros.

Tratava-se no fundo de esbater todas as fronteiras, de eliminar todas as distâncias num espaço necessariamente limitado mas que representava por si próprio o mundo que se queria mais próximo.

Línguas, culturas e realidades diferentes podem cavar abismos ou proporcionar todas as aproximações. Somos partidários da sua hipótese.

Falamos, naturalmente, de uma aposta a que desde a primeira hora chamámos Cidade Internacional e que nem as vicissitudes dos conturbados tempos que vivemos podem impedir.

Um espaço dedicado ao conhecimento, ao encontro de amigos, ao esclarecimento, às novas amizades, ao reforço da solidariedade.

Poder-se-ia pensar que este ano - de tantas e tão profundas mudanças de sinal contrário e complexa avaliação - que a Cidade Internacional ficasse mais pobre. Puro engano. É nos períodos mais graves das

lutas dos povos que mais se faz sentir a necessidade da solidariedade e a disposição para prosseguir a luta.

Por isso este ano a Festa vai ter um número de participações estrangeiras que desde já se prevê superior ao do ano passado, querno respeitante ao número de delegações, de stands, de restaurantes.

Salvaguardando as normais alterações de última hora, que nem sequer constituem novidade nestas andanças pelo mundo, é com o maior prazer que anunciamos na Festa a presença de delegações originárias da Europa, do Médio Oriente, da Ásia, da África, da América Latina.

Antecipando um pouco o que vai ser essa presença, podemos referir, designadamente, a participação de camaradas e amigos de França (PCF), El Salvador (FMLN), União Soviética (PCUS), China (PCC), Cuba (PCC), Coreia do Norte (PT), Angola (MPLA-PT), Moçambique (FRELIPO), Cabo Verde (PAICV), Timor-Leste (FRETILIN), Argélia (PVS), Filipinas (FDN), Finlândia (PC Unidade), Palestina (OLP), Líbano (PCL), Bolívia (PC), Paraguai (PC), cujas delegações estarão representadas com stands.

No respeitante aos já famosos restaurantes da Cidade Internacional, podemos

aguardar o apetite para as especialidades da URSS, da China, de Cuba, da Coreia do Norte, de Timor-Leste, da Argélia e de Cabo Verde, para além do que mais adiante se verá.

Mas é claro que a solidariedade internacional não passa só pelo garfo e faca nem pelo recheio dos stands. Assim, estão previstos dois debates; um subordinado justamente ao tema «70º aniversário do PCP, um Partido sempre solidário», com a participação do camarada Aboim Inglês e outro sobre «A situação internacional e a exigência actual de solidariedade», com o camarada Albano Nunes. Questões que têm tudo a ver com o mundo de hoje e com a certeza de que não será o individualismo, tão louvado e praticado por uns tantos, que fará girar o mundo num sentido melhor para todos.

Para além daqueles debates haverá quatro momentos de solidariedade com os povos de Timor-Leste, Cuba, Sul-africano e do Médio Oriente. Todas estas iniciativas vão ter lugar no Espaço da Solidariedade, onde também haverá lugar para manifestações culturais, desde a música de Timor-Leste à destreza de um trio de acrobatas chineses.

Numa palavra, um espaço que vai valer a pena visitar. Porque somos solidários.

# NO ÚLTIMO fim-de-semana FOI ASSIM:

